

Nora Roberts

A ESCREVER COMO

ROBB

Vingança Mortal

*Tradução de Joana Taborda e Marco Neves*

*A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*A mim pertence fazer justiça,  
Eu é que hei de retribuir — diz o Senhor.  
— Epístola aos Romanos 12:19*

*A vingança está-me no coração, a morte na mão.  
— SHAKESPEARE*



---

---

## CAPÍTULO UM

---

---

Trabalhar nos Homicídios requeria tempo, paciência, perícia e capacidade para aguentar a monotonia. A Tenente Eve Dallas tinha todas estas características.

Sabia que nenhum desses requisitos era necessário para o ato do homicídio. Demasiadas vezes uma vida era tomada por impulso, por raiva, por divertimento ou, simplesmente, por estupidez. Era esta última razão que, na opinião de Eve, tinha levado um tal de John Henry Bonning a mandar um tal de Charles Michael Renekee pela janela de um décimo-segundo andar na Avenida D.

Eve estava com Bonning na Sala de Interrogatórios e calculou que demoraria no máximo mais vinte minutos até lhe arrancar uma confissão e mais quinze minutos para o deter e entregar o relatório. Talvez pudesse chegar a casa mesmo a tempo.

— Vá lá, Boner. — Era a sua técnica de “polícia veterana a falar com vilão veterano”. Face a face, no território dela. — Faz um favor a ti próprio. Uma confissão e podes alegar auto-defesa e capacidade diminuída. Podemos arrumar isto a tempo do jantar. Ouvi dizer que, esta noite, vão servir esparguete surpresa na detenção.

— Não lhe toquei. — Bonning dobrou os seus lábios desproporcionalmente grandes, batendo com os seus dedos gordos e compridos na mesa. — O sacana saltou.

Com um suspiro, Eve sentou-se atrás da pequena mesa de metal da Sala de Interrogatórios A. Não queria que o Bonning arranjasse advogado e empatasse tudo. Só tinha de o impedir de dizer essas palavras, guiá-lo na direção que já estava a tomar e podia fechar o caso.

Traficantes de químicos de segunda categoria como o Bonning eram invariavelmente estúpidos, mas, mais cedo ou mais tarde, ele iria choramingar para arranjar um advogado. Era um velho jogo do gato e do rato, tão antigo como o próprio homicídio. O ano de 2058 estava a chegar ao fim, mas o negócio dos Homicídios permanecia basicamente inalterado.

— Ele saltou, deu um pulinho pela janela fora. Mas porquê, Boner?

Bonning enrugou a sua testa simiesca num esforço de ponderação.

— Porque era um sacana doido?

— Bom palpite, Boner, mas não te vai fazer passar para o segundo nível do jogo “Foge à Polícia”.

Depois de trinta ponderados segundos, Boner esticou os lábios num sorriso amarelo.

— Que piada. Muito engraçada, Dallas.

— Sim, ando a pensar em fazer uns biscates como comediante. Mas, voltando à minha ocupação principal, vocês os dois estavam a cozinhar um pouco de Erotica no vosso porta-laboratório na Avenida D e o Renekee, como era um sacana doido, teve uma coisinha má e saltou pela janela, pelo vidro e tudo, deu um mergulho de doze andares, ressaltou do tejadilho de um Táxi Rápido, pregou um susto de morte a um casal de turistas de Topeka que estava no banco de trás e, depois, espalhou os miolos pela rua.

— Ressaltou mesmo — disse Bonning com o que passou por um sorriso de espanto. — Quem diria?

Eve não pretendia acusá-lo de homicídio qualificado e achou que, se tentasse homicídio simples, o representante nomeado pelo tribunal faria um acordo para Bonning cumprir pena por homicídio involuntário. Traficantes de químicos que limpavam o sebo a outros traficantes de químicos não faziam a Justiça arrancar a venda e sorrir de antecipação. Boner cumpriria mais tempo de prisão pela parafernália de substância ilegais do que pelo homicídio. Mesmo combinando as duas acusações, dificilmente cumpriria mais do que uns três anos na prisão.

Dobrou os braços por cima da mesa, inclinando-se para a frente.

— Boner, achas-me com cara de estúpida?

Encarando a questão de modo literal, Bonning semicerrou os olhos num estudo aprofundado. Ela tinha grandes olhos castanhos, mas não eram gentis. Tinha uma boca bonita e grande, mas não sorria.

— Tens cara de polícia — decidiu ele.

— Boa resposta. Não me tentes deitar areia para os olhos, Boner. Tu e o teu sócio tiveram uma zanga, chateaste-te e puseste um ponto final no vosso relacionamento profissional e pessoal atirando aquele idiota pela janela. — Ergueu uma mão antes que Bonning pudesse voltar a negar. — É assim que vejo as coisas. Talvez tenham começado a discutir por causa dos lucros, dos métodos, de uma mulher. Ambos começaram a ferver. Portanto, talvez ele se tenha atirado a ti. Tinhas de te defender, certo?

— Um homem tem esse direito — concordou Bonning, assentindo com a cabeça enquanto a história o ia encantando. — Mas não discutimos. Ele apenas tentou voar.

— Onde é que arranjaste o lábio a sangrar, o olho negro? Porque tens os nós dos dedos feridos?

Bonning esticou os lábios num sorriso que mostrava os dentes todos.

— Luta num bar.

— Quando? Onde?

— Quem é que se lembra?

— É melhor que tu te lembres. E sabes mesmo que é melhor, Boner, antes de analisarmos o sangue que retirámos dos teus nós dos dedos e encontrarmos o sangue dele misturado com o teu. Se conseguirmos o ADN nos teus dedos gordos, vou tentar homicídio premeditado, o que significa prisão de segurança máxima, perpétua, sem liberdade condicional.

Os olhos dele piscaram rapidamente, como se o cérebro estivesse a processar dados novos e estonteantes.

— Por favor, Dallas, isso é uma treta pegada. Não vais convencer ninguém de que entrei ali a pensar matar o velho Chuckaroo. Éramos amigos.

Com os olhos fixos nos dele, Eve sacou do seu comunicador.

— Última oportunidade para te ajudares. Chamo a minha ajudante, faço com que me traga o resultado das análises e detenho-te por homicídio qualificado.

— Não foi homicídio qualificado. — Ele queria acreditar que ela estava a fazer bluff. Não era possível ler aqueles olhos, pensou ele, molhando os lábios. Não era possível ler aqueles olhos de polícia. — Foi um acidente — alegou ele, inspirado. Eve limitou-se a abanar a cabeça. — Sim, estávamos na brincadeira e ele... tropeçou e mergulhou de cabeça pela janela.

— Agora estás a insultar-me. Um homem crescido não tropeça e cai de uma janela que fica a noventa e um centímetros do chão. — Eve ligou o comunicador. — Agente Peabody.

Em segundos, o rosto redondo e sóbrio de Peabody preencheu o ecrã do comunicador.

— Sim, chefe.

— Preciso dos resultados das análises sanguíneas do caso do Bonning. Enviem-mos diretamente para a Sala de Interrogatórios A e avisa o delegado do Ministério Público de que tenho um homicídio qualificado.

— Espera, aguenta, não vás por aí. — Bonning passou as costas da mão sobre a boca. Refletiu por um momento, pensando que ela nunca o faria apanhar a pena mais pesada. Mas Dallas tinha fama de conseguir pescar peixes mais graúdos do que ele.

— Tiveste a tua oportunidade, Boner. Peabody...

— Ele atirou-se a mim, como disseste. Atirou-se a mim. Endoideceu. Vou contar-te como correu, sem mais merdas. Quero fazer uma declaração.

— Peabody, atrasa essas ordens. Informa o delegado do Ministério Público de que o Sr. Bonning está a prestar uma declaração sem merdas.

Os lábios de Peabody nem esboçaram um sorriso.

— Sim, chefe.

Eve voltou a enfiar o comunicador no bolso, depois pousou as mãos na ponta da mesa e sorriu prazenteiramente.

— Está bem, Boner, diz-me o que é que aconteceu.

Cinquenta minutos depois, Eve entrou no seu minúsculo gabinete na Central de Polícia de Nova Iorque. Ela tinha, de facto, aspeto de polícia, não só por causa do coldre da arma que lhe pendia do ombro e das botas usadas e calças de ganga debotadas. Tinha o ar de polícia nos olhos, olhos aos quais pouco escapava. Eram da cor do whisky escuro e raramente pestanejavam. Tinha um rosto angular, com malares salientes, contrastados por uma boca surpreendentemente generosa e uma covinha oca no queixo.

Caminhava num estilo ligeiro, de passadas largas. Não tinha pressa. Satisfeita consigo própria, passou os dedos pelo cabelo curto e castanho, com um corte casual, enquanto se sentava à secretária.

Iria preencher o seu relatório, expedir cópias para todas as entidades necessárias e, depois, dar o dia por encerrado. No exterior da janela estreita e listrada por detrás dela, o tráfego aéreo diário já estava no para-arranca. O ronco de buzinas de autocarros aéreos e os laivos infundáveis das lâminas dos helicópteros de trânsito não a incomodavam. Afinal, era a banda sonora típica de Nova Iorque.

— Ligar — ordenou ela, assobiando quando o seu computador permaneceu teimosamente imóvel. — Raios te partam, não comeces. Ligar. Liga-te, sacana.

— Tem de inserir o seu número de senha pessoal — disse Peabody ao entrar.

— Pensava que estas máquinas tinham voltado a ter reconhecimento de voz.

— E tinham. Mararam. Devem voltar ao normal no final da semana.

— Que chatice — queixou-se Eve. — De quantos números é que temos de nos lembrar? Dois, cinco, zero, nove. — Exalou um suspiro enquanto a unidade dava sinais de vida. — É bom que arranjem o tal sistema novo que prometeram ao departamento. — Enfiou um disco na unidade. — Guardar em Bonning, John Henry, caso número 4572077-H. Enviar relatório para Whitney, Comandante.

— Foi um trabalho bonito e rápido com o Bonning, chefe.

— O homem tem um cérebro do tamanho de um pistáchio. Atirou com o sócio pela janela porque começaram a discutir sobre quem devia a quem uns míseros vinte créditos. E tentou dizer-me que estava a defender-se, que temia pela vida. O tipo que ele atirou era quarenta e cinco quilos mais leve e tinha menos quinze centímetros. Cara de cu — disse, com um suspiro resignado. — Seria de supor que o Boner diria que o tipo tinha uma



faca ou o tinha atacado com um bastão. — Recostou-se, retorceu o pescoço, surpreendida e agradada por quase não ter tensão de que se livrar. — Deviam ser todos assim tão fáceis.

Escutou meio atenta o rumor do tráfego aéreo no exterior da sua janela. Um dos elétricos suburbanos gritava a sua verborreia sobre preços baixos e conveniência.

— Condições semanais, mensais e anuais! Inscreva-se na ELECTRO FX, o seu serviço de transportes aéreos amigável e de confiança. Inicie e termine o dia de trabalho com estilo.

*Se gostar do estilo “sardinhas suadas em lata”* — pensou Eve. Com a gélida chuva de Novembro que tinha caído todo o dia, imaginava que tanto as bichas aéreas como as terrestres estariam hediondas. O final perfeito para o dia.

— E pronto — disse ela, agarrando no seu casaco de cabedal coçado. — Vou picar o ponto, a tempo, para variar. Tens planos escaldantes para o fim de semana, Peabody?

— O costume... Enxotar homens como moscas, partir corações, esmagar almas.

Eve lançou um sorriso rápido ao rosto sóbrio da ajudante. A robusta Peabody, pensou ela, uma polícia do topo do cabelo escuro cortado à tigela até aos brilhantes sapatos da farda.

— És mesmo uma louca, Peabody. Não sei como aguentas o ritmo.

— Sim, sou a rainha das folionas. — Com um sorriso seco, Peabody dirigiu-se para a porta no momento exato em que a tele-ligação de Eve apitou. Ambas fizeram má cara à unidade. — Trinta segundos e estaríamos a descer no passeio aéreo.

— Deve ser só o Roarke a ligar para me lembrar que esta noite temos um jantar. — Eve ligou a unidade. — Homicídios, Dallas.

O ecrã foi inundado de cores: cores escuras, feias e contrastantes. O altifalante dava música em tons baixos, com ritmo lento. Sem pensar, Eve premiu o comando para rastreio da origem, observando a mensagem “Impossível executar Pedido” a passar na parte inferior do ecrã.

Peabody estava a sacar da sua ligação portátil, desviando-se para contactar o Controlo da Central, quando quem tinha ligado a Eve começou a falar.

— Dizem que é a melhor que esta cidade tem para oferecer, Tenente Dallas. É assim tão boa?

— Os contactos não identificados e/ou transmissões adulteradas para agentes da polícia são ilegais. Sou obrigada a adverti-lo de que esta transmissão está a ser rastreada através do CompuGuard e está a ser gravada.

— Tenho noção disso. Uma vez que acabei de cometer o que a sociedade mundana consideraria homicídio qualificado, não me preocupo excessivamente com questiúnculas como transgressões eletrônicas. Fui abençoado pelo Senhor.

— A sério? — Estupendo, pensou Eve, mesmo o que estava a precisar.

— Fui chamado para fazer o Seu trabalho e banhei-me no sangue do Seu inimigo.

— Ele tem muitos? Quer dizer, seria de pensar que Lhe bastaria exterminá-los Ele próprio, em vez de o alistar para fazer o trabalhinho sujo.

Houve uma pausa, uma pausa longa, em que apenas a marcha fúnebre continuou a tocar.

— Bem, era de esperar que fosse leviana. — A voz era agora mais dura e definida, com a fúria mal dissimulada. — Sendo descrente, como poderia compreender a retribuição divina? Vou descer ao seu nível. Um enigma. Aprecia enigmas, Tenente Dallas?

— Não. — Olhou na direção de Peabody, vendo um abanar de cabeça frustrado e rápido. — Mas aposto que o senhor aprecia.

— Descontraem a mente e acalmam o espírito. O nome deste pequeno enigma é “Vingança”. Vai encontrar o primeiro filho do velho velhaco no colo do luxo, encimando a sua torre de prata onde o rio corre negro abaixo e água cai de uma grande altura. Ele implorou pela vida e depois pela morte. Sem nunca se ter arrependido do seu grande pecado, já está condenado.

— Porque o matou?

— Porque foi para essa tarefa que nasci...

— Deus disse-lhe que nasceu para matar? — Eve voltou a premir o botão de rastreio, lutando com a frustração. — Como é que Ele o avisou? Ligou-lhe para a tele-ligação, enviou um fax? Talvez o tenha conhecido num bar?

— Não vai continuar a duvidar de mim. — O som da respiração tornou-se mais alto, contido, trémulo. — Pensa que, como é uma mulher numa posição de autoridade, lhe sou inferior? Não irá continuar a duvidar de mim por muito mais tempo. Fui eu que a contactei, Tenente. Lembre-se que este é o meu fardo. A mulher pode guiar e confortar o homem, mas o homem foi criado para proteger, defender e vingar.

— Deus também lhe disse isso? Acho que isso prova que, afinal, Ele é mesmo um homem. É quase só ego.

— Irá tremer perante o Senhor, perante mim.

— Pois claro. — Esperando que a imagem dele fosse nítida, Eve examinou as unhas. — Já estou a tremer.

— O meu trabalho é sagrado. É terrível e divino. Tenente, dos Provérbios, 28:17: “O homem que derramou sangue inocente correrá para o sepulcro sem que ninguém o socorra.” Os dias deste como fugitivo terminaram, e ninguém o ajudou.

— Se o matou, o que é que isso faz de si?

— A ira de Deus. Tem vinte e quatro horas para provar que é merecedora. Não me desiluda.

— Não irei desiludi-lo, imbecil — murmurou Eve, quando a transmissão terminou. — Alguma coisa, Peabody?

— Nada. Ele bloqueou os rastreadores como deve ser. Nem sequer conseguem dizer se está ou não no planeta.

— Está no planeta — murmurou ela, e sentou-se. — Quer estar suficientemente perto para observar.

— Pode ser um doido.

— Não me parece. Um fanático, mas não um doido. Computador, pesquisa edifícios, residenciais e comerciais, com a palavra “luxo”, em Nova Iorque, com vista para o Rio East ou para o Hudson. — Tamborilou os dedos na secretária. — Odeio enigmas.

— Eu até gosto. — Franzindo as sobrancelhas, Peabody pôs-se atrás de Eve enquanto o computador começava a trabalhar.

Luxury Arms  
Sterling Luxury  
Luxury Place  
Luxury Towers

Eve saltou.

— Aceder a imagem das Luxury Towers, no ecrã.

A trabalhar...

A imagem apareceu, uma lança de prata altaneira, com a luz do sol refletida no aço e a brilhar sobre o Hudson. No extremo oeste, uma cascata cheia de estilo caía sobre um arranjo complexo de tubos e canais.

— Apanhei-te.

— Não pode ser assim tão fácil — objetou Peabody.

— Ele queria que fosse fácil. — Porque, pensou Eve, alguém já estava morto. — Quer brincar e vangloriar-se. Não pode fazer nenhuma dessas coisas até que estejamos envolvidas no caso. Computador, aceder ao nome de residentes no último andar das Luxury Towers.

A trabalhar... A penthouse é propriedade de The Brennen Group e é a residência nova-iorquina de Thomas X. Brennen, de Dublin, Irlanda, quarenta e dois anos de idade, casado, três filhos, presidente do Conselho de Administração do The Brennen Group, uma agência de entretenimento e comunicações.

— Vamos investigar, Peabody. Notificamos a Central pelo caminho.

— Peço reforços?

— Primeiro vamos ver como param as modas. — Eve ajustou a alça no seu coldre e enfiou-se no casaco.

O trânsito estava tão mau quanto ela tinha imaginado, todo empatado nas ruas molhadas e a zumbir acima, como um enxame de abelhas desorientadas. Carros deslizantes acotovelavam-se debaixo de chapéus de chuva largos e, tanto quanto ela conseguia ver, não faziam qualquer negócio. O vapor erguia-se das suas grelhas, obscurecendo a visão e empestando o ar.

— Pede ao operador para aceder ao número da casa do Brennen, Peabody. Se for um embuste e ele estiver vivo, seria simpático manter as coisas dessa forma.

— Já estou a tratar disso — disse Peabody, sacando da tele-ligação.

Irritada com os atrasos no trânsito, Eve fez soar a sirene. Teria tido a mesma resposta se se tivesse inclinado para fora da janela e tivesse gritado. Os carros permaneceram aninhados como amantes, não cedendo um centímetro.

— Ninguém respondeu — disse-lhe Peabody. — A mensagem do voice-mail diz que saiu por duas semanas, a partir de hoje.

— Esperemos que esteja a saciar a sede num pub em Dublin. — Voltou a perscrutar o trânsito, estudando as suas opções. — Tenho de o fazer.

— Ah, Tenente, neste veículo, não!

Peabody, a polícia robusta, cerrou os dentes e fechou os olhos, aterrizada, enquanto Eve carregava no elevador vertical. O carro tremeu, rangeu, e ergueu-se quinze centímetros acima do chão. Voltou a cair com um ruído de fazer tremer os ossos.

— Que merda de lata! — Desta vez, Eve utilizou o punho, batendo no controlo com força suficiente para ficar com uma nódoa negra nos nós dos dedos. Elevaram-se tremulamente, balançaram, e, depois, avançaram à medida que Eve acelerava. Arrancou a ponta de um chapéu-de-chuva, fazendo o vendedor de carro deslizante guinchar furiosamente e persegui-las a pé por meio quarteirão.

— O raio do vendedor quase que agarrou o para-choques. — Mais

espantada do que zangada, Eve abanou a cabeça. — Um tipo com botas aéreas quase ultrapassou um carro da polícia. Onde irá parar este mundo, Peabody?

Olhos teimosamente fechados, Peabody não se mexeu um milímetro.

— Lamento, chefe, está a interromper a minha oração.

Eve manteve as sirenes ligadas até à entrada principal das Luxury Towers. A descida foi suficientemente atribulada para que ela cerrasse os dentes, mas faliu o para-choques de um descapotável aéreo XRII por uns dois centímetros.

O porteiro atravessou o passeio como uma bala, com uma combinação de insulto e horror no rosto, enquanto abria à força a porta da carripana bege dela.

— Minha senhora, não pode estacionar esta... coisa aqui.

Eve desligou a sirene, exibindo o distintivo.

— Isso é que posso.

A boca dele endureceu ainda mais enquanto analisava a identificação.

— Se fizesse o favor de entrar na garagem.

Talvez por ele lhe recordar Summerset, o mordomo que tinha o afeto e a lealdade de Roarke, mas o desdém dela, aproximou perigosamente o rosto do dele, olhos a brilhar.

— Fica onde o pus, parceiro. A não ser que queira que diga à minha ajudante para o indiciar por obstrução à justiça, vai deixar-me entrar e subir até à penthouse de Thomas Brennen.

Ele sorveu ar pelo nariz.

— Isso é impossível. O Sr. Brennen não se encontra.

— Peabody, anota o nome deste... cidadão e o número do bilhete de identidade e providencia o seu transporte para a Central de Polícia para ser detido.

— Sim, chefe.

— Não pode prender-me. — As suas botas negras brilhantes executaram uma dança rápida no passeio. — Estou a fazer o meu trabalho.

— Está a interferir com o meu e adivinhe lá qual das ocupações é que o juiz vai pensar ser a mais importante?

Eve observou como a boca dele se mexeu até se acalmar numa linha fina e desaprovadora. Sim, pensou ela, era o Summerset chapado, mesmo com mais nove quilos e dez centímetros a menos do que a cruz da sua existência.

— Muito bem, mas pode ter a certeza de que irei contactar o chefe da polícia e segurança acerca da sua conduta. — Voltou a olhar para o distintivo. — Tenente.

— Esteja à vontade. — Fazendo sinal a Peabody, seguiu as costas direitas do porteiro até à entrada, onde ele ativou o seu substituto droide para ocupar o posto.

Por trás das portas prateadas brilhantes, a entrada das Luxury Towers consistia num jardim tropical com palmeiras altaneiras, hibiscos ondulantes e pássaros chilreantes. Uma piscina grande rodeava uma fonte rumorosa com a forma de uma mulher de curvas generosas, nua até à cintura e segurando um peixe-dourado.

O porteiro inseriu um código num tubo de vidro, fazendo um gesto silencioso para que Eve e Peabody entrassem. Descontente com o transporte, Eve manteve-se pregada ao centro, enquanto Peabody só faltou comprimir o nariz contra o vidro, durante a subida.

Sessenta e dois andares acima, o tubo abriu-se numa entrada ajardinada mais pequena, mas não menos abundante. O porteiro parou junto a um ecrã de segurança no exterior de portas duplas abobadadas feitas de aço polido.

— Porteiro Strobie a escoltar a Tenente Dallas da NYPSD e a sua ajudante.

— O Sr. Brennen não se encontra na residência — foi a resposta, numa voz calma e musical, com trejeitos irlandeses.

Eve limitou-se a dar uma cotovelada para Strobie a deixar passar.

— Trata-se duma emergência policial. — Ergueu o distintivo para que o olho eletrónico o verificasse. — É imperativo entrar.

— Um momento, Tenente. — Sentiu um pequeno zumbido enquanto o seu rosto e identificação eram digitalizados, seguido de um discreto abrir de fechaduras. — Entrada permitida, tenha em atenção que esta residência está protegida pelo SCAN-EYE.

— Liga o gravador, Peabody. Afaste-se, Strobie. — Eve colocou uma mão na porta, a outra na arma, e empurrou-a com o ombro para abrir.

O odor atingiu Eve em primeiro lugar e fê-la praguejar. Tinha sentido o cheiro da morte violenta demasiadas vezes para se confundir.

O sangue pintava as paredes de seda azul da zona comum, um graffiti repulsivo, incompreensível. Ela viu o primeiro pedaço de Thomas X. Brennen no tapete macio como nuvens. A mão dele jazia de palma para cima, dedos enrolados na direção dela, como que chamando ou implorando. Tinha sido decepada no pulso.

Ouviu Strobie ameaçar o vômito por trás dela, ouviu-o cambalear de volta à entrada e para o fresco ar floral. Penetrou no espaço fétido. Nesse momento, sacou da arma, perscrutando a sala com ela. Os seus instintos diziam-lhe que o que ali tinha sido feito estava terminado e que quem quer que o tivesse feito estava em segurança, longe dali. No entanto, seguiu o

procedimento à risca, avançando lentamente pelo tapete, evitando olhar para o horror quando podia.

— Se o Strobie já acabou de vomitar, pergunta-lhe o caminho para o quarto principal.

— Ao fundo do corredor, à esquerda — disse Peabody, um momento depois. — Mas ainda está a desfazer-se todo lá fora.

— Encontra-lhe um balde, depois isola o elevador e esta porta.

Eve começou a percorrer o corredor. O cheiro intensificou-se, tornando-se mais espesso. Começou a inspirar pelos dentes. A porta para o quarto não tinha sido verificada. Através da fenda, penetrava um rasgo de luz artificial brilhante e os sons majestosos de Mozart.

O que restava de Brennen estava numa cama de tamanho gigante com um sofisticado dossel espelhado. Um braço tinha sido acorrentado com algemas prateadas ao poste da cama. Eve imaginou que encontrariam os pés dele algures no apartamento espaçoso.

Sem dúvida as paredes tinham um bom isolamento acústico, mas decerto o homem teria gritado alto e longamente antes de morrer. Quanto tempo tinha demorado, perguntou-se ela enquanto estudava o corpo. Quanta dor podia um homem suportar antes de o cérebro se desligar e o corpo ceder?

Thomas Brennen saberia a resposta, com uma precisão de segundos.

Tinha sido despido, a mão e ambos os pés amputados. O único olho que lhe restava fitava num horror cego o reflexo espelhado da sua própria forma mutilada. Tinha sido esventrado.

— Deus Santíssimo — sussurrou Peabody da entrada. — Santa Mãe de Deus.

— Preciso do kit de campo. Vamos selar o local, reportar isto. Descubra onde está a família dele. Comunica isto através da DDE, contacta o Feeney se ele estiver de serviço e pede-lhe que coloque um bloqueador de meios de comunicação antes de lhe forneceres quaisquer detalhes. Vamos reter os detalhes o máximo de tempo possível.

Peabody teve de engolir duas vezes em seco antes de ter a certeza de que iria conseguir manter o almoço no estômago.

— Sim, chefe.

— Vai buscar o Strobie e isola-o antes de ele poder dar com a língua nos dentes sobre isto.

Quando Eve se virou, Peabody viu uma sombra de pena nos seus olhos. Momentos depois, tinha desaparecido e os olhos estavam inertes e frios de novo.

— Vamos lá avançar com isto. Quero dar cabo do filho da mãe.

...

Era quase meia-noite quando Eve se arrastou pelas escadas da sua própria entrada. Tinha o estômago às voltas, os olhos a arder, a cabeça a latejar. O fedor da morte violenta estava colado a ela, apesar de ter esfregado a pele com força no duche dos balneários antes de ir para casa.

O que ela mais desejava era o esquecimento e rezou desesperada e sinceramente para que não visse os destroços de Thomas Brennen qual fechasse os olhos para dormir.

A porta abriu-se antes de ela lhe poder chegar. Summerset surgiu com a luz brilhante do lustre da entrada por detrás dele, o seu corpo alto e esguio quase a tremer de desagrado.

— Está imperdoavelmente atrasada, Tenente. Os seus convidados prepararam-se para partir.

*Convidados?* A sua mente sobrecarregada lutou com a palavra antes de se recordar. Um jantar? Tinha de se preocupar com um jantar depois da noite que tinha tido?

— Vá dar uma curva — atirou-lhe ela, passando rapidamente por ele. Sentiu os dedos esguios a agarraram-lhe o braço.

— Como esposa do Roarke espera-se que desempenhe certos deveres sociais, tal como ajudá-lo a ser anfitrião de um evento importante, como é o jantar desta noite.

A fúria ultrapassou a fadiga num bater de coração. A mão dela cerrou-se num punho ao seu lado.

— Recue antes que eu...

— Eve, querida.

A voz de Roarke, conseguindo transmitir boas-vindas, divertimento e cautela em duas palavras, impediu o punho cerrado de se elevar e terminar o percurso. Contrafeita, virou-se, vendo-o no limiar da porta da sala de visitas. Não era o fato preto formal que o tornava estonteante. Eve sabia que ele tinha um corpo finamente musculado, que conseguia parar o coração de uma mulher independentemente do que ele tinha, ou não, vestido. O cabelo fluía-lhe, negro como a noite e quase até aos ombros, emoldurando um rosto que Eve muitas vezes imaginara pertencer a um quadro renascentista. Estrutura cinzelada, olhos mais azuis do que cobalto precioso, uma boca concebida para declamar poesia, emitir ordens e levar uma mulher à loucura.

Em menos de um ano, Roarke tinha penetrado as defesas dela, destrancado o seu coração e, o que era mais surpreendente, tinha ganho não só o seu amor, como a sua confiança.

Mesmo assim, ainda conseguia aborrecê-la.

Eve considerava-o o primeiro e único milagre na sua vida.

— Atrasei-me. Desculpa. — Era mais um desafio do que uma des-



culpa, disparado como uma bala. Ele ouviu com um sorriso falso e uma sobranceira erguida.

— Estou certo que era inadiável. — Estendeu-lhe a mão. Quando ela atravessou a entrada e a aceitou, ele reparou que a dela estava hirta e fria. Nos seus olhos cor de whisky envelhecido, Roarke viu fúria e fadiga. Tinha-se acostumado a reconhecê-las ambas no olhar da mulher. Estava pálida, o que o preocupava. Reconheceu as manchas nos jeans dela como sendo de sangue seco e esperou que não fosse dela.

Apertou a mão dela rápida e intimamente antes de a levar aos lábios, os olhos fixos nos dela.

— A minha Tenente está cansada — murmurou ele, uma vaga magia irlandesa na voz. — Estou só a despachá-los. Só mais alguns minutos, está bem?

— Claro, está bem. — A fúria dela começou a arrefecer. — Desculpa ter dado cabo disto. Eu sei que era importante. — Por detrás dele, na sala de visitas ricamente mobilada, ela viu mais de uma dúzia de homens e mulheres elegantes, com roupas formais, joias a rebrilhar, sedas a sussurrar. A sua relutância devia estar estampada no rosto antes de ela a afastar, porque ele se riu.

— Cinco minutos, Eve. Duvido que isto possa ser tão mau como o que deves ter enfrentado esta noite.

Ele guiou-a, um homem tão à-vontade com a riqueza e privilégio como com o fedor dos becos e a violência. Sem esforço aparente, apresentou a mulher àqueles que ela ainda não conhecia, lembrando-lhe os nomes daqueles com quem ela tinha estado noutra ocasião, tudo enquanto encaminhava os convidados do jantar para a porta.

Eve sentiu o cheiro de perfumes ricos e vinho, o fumo odoroso dos troncos de macieira a esquentar discretamente na lareira. Sob tudo aquilo, permanecia a memória clara do fedor do sangue e do horror.

Ele interrogou-se se ela saberia o quão estonteante era, ali de pé no meio do brilho, com o seu casaco coçado e os seus jeans sujos, o cabelo curto e desgrenhado a emoldurar um rosto pálido, acentuando olhos escuros e cansados, o corpo longo e sinuoso de pé apenas devido ao que ele sabia ser um ato de força de vontade.

Ela era, pensou ele, a coragem personificada.

Mas quando fecharam a porta ao último convidado, ela abanou a cabeça.

— O Summerset tem razão. Não estou preparada para esta coisa de ser mulher do Roarke.

— Tu és minha mulher.

— Não significa que seja boa nisso. Deixei-te ficar mal. Eu devia...

— Parou de falar porque a boca dele foi de encontro à dela e estava quente, possessiva, tirando-lhe a tensão do pescoço. Sem se aperceber que se tinha movido, Eve enrolou os braços em redor da cintura dele e limitou-se a agarrar-se.

— Pronto — murmurou ele. — Já está melhor. Isto é assunto meu.

— Ergueu-lhe o queixo, passando levemente um dedo na leve covinha no centro. — É o meu trabalho. Tu tens o teu.

— Mas era importante. Uma fusão não-sei-das-quantas.

— A fusão da Scottline. Por acaso, foi mais uma compra hostil e deve estar finalizada em meados da semana que vem. Mesmo sem a tua encantadora presença à mesa. Ainda assim, podias ter telefonado. Fiquei preocupado.

— Esqueci-me. Nem sempre me consigo lembrar. Não estou habituada a isto. — Enfiou as mãos nos bolsos, andando para a frente e para trás no átrio espaçoso. — Não estou habituada a isto. De cada vez que penso que estou, não estou. Depois, entro por aqui e deparo-me com todos os mega-ricos, com aspeto de agarrada.

— Pelo contrário, estás com aspeto de polícia. Creio que vários dos nossos convidados ficaram bastante impressionados por vislumbrar a arma sob o casaco e os vestígios de sangue nos jeans. Presumo que não seja teu.

— Não. — De repente, ela não conseguia estar de pé nem mais um segundo. Virou-se para os degraus, subiu dois e sentou-se. Porque era o Roarke, permitiu-se cobrir o rosto com as mãos.

Ele sentou-se ao lado dela, passando-lhe um braço pelos ombros.

— Foi mau.

— Podemos dizer quase sempre que já vimos igual ou pior. É quase sempre verdade. Desta vez, não posso dizer isso. — O estômago dela ainda se apertava e revirava. — Nunca vi pior.

Ele sabia aquilo que ela passava, tendo já assistido a muitas dessas coisas ele próprio.

— Queres contar-me?

— Não, minha nossa, não. Não quero pensar nisso durante umas horas. Não quero pensar em nada.

— Nisso posso ajudar-te.

Pela primeira vez em horas, ela sorriu.

— Aposto que podes.

— Vamos começar assim. — Ele ergueu-se e tomou-a nos braços, colhendo-a do degrau.

— Não tens de me carregar. Estou bem.

Ele lançou-lhe um sorriso ao começar a subida.

— Talvez me faça sentir masculino.

— Nesse caso... — Envolveu os braços em redor do pescoço dele, descansando a cabeça no seu ombro. Sabia bem. Muito bem. — O mínimo que posso fazer depois de te ter deixado pendurado esta noite é fazer com que te sintas masculino.

— O mínimo dos mínimos — concordou ele.

---

---

## CAPÍTULO DOIS

---

---

A claraboia por cima da cama ainda estava escura quando ela acordou. E ela acordou banhada em suor. As imagens do sonho eram difusas e confusas. Satisfeita por lhes ter escapado, Eve não tentou avivar o sonho.

Como estava sozinha na cama grande, permitiu-se um arrepio violento e rápido.

— Luzes — ordenou ela. — Difusas. — Suspirou quando a escuridão se esbateu. Deu a si própria um momento para se acomodar antes de ver as horas.

Cinco e um quarto da manhã. Estupendo, pensou ela, tendo em conta que sabia que não haveria maneira de voltar a dormir. Não sem o Roarke para ajudar a afastar os pesadelos. Perguntou-se se algum dia deixaria de ficar envergonhada por se ter tornado dependente dele para tais coisas. Um ano antes, ela nem sabia que ele existia. Agora, fazia tanto parte da vida dela quanto as suas próprias mãos. O seu próprio coração.

Saltou da cama, agarrando um dos robes de seda que Roarke estava constantemente a comprar-lhe. Envolvendo-se nele, virou-se para o painel da parede, iniciando a busca.

— Onde está o Roarke?

— O Roarke está no nível inferior da zona da piscina.

Dar um mergulho, pensou Eve, não seria má ideia. Mas, primeiro, exercício, decidiu, para afastar o desconforto e mal-estar provocados pelo sonho mau.

Com o objetivo de evitar Summerset, foi de elevador em vez das escadas. O homem estava por toda a parte, esgueirando-se pelas sombras, sempre alerta com uma expressão ou fungar de desagrado. Não queria começar o dia com uma continuação do seu confronto da noite anterior.

O ginásio de Roarke estava totalmente equipado, dando-lhe muitas opções. Podia lutar com um droide, ganhar músculo com pesos livres ou pura e simplesmente relaxar e deixar que as máquinas trabalhassem por ela. Despiu o robe e enfiou-se num confortável *maillot* preto. Queria fazer uma corrida, bem longa, e depois de calçar finas solas aéreas, programou o vídeo.

A praia, decidiu ela. Era o único local para além da cidade em que se sentia totalmente em casa. Todas as paisagens rurais e desertas e os lo-

cais fora do planeta que a unidade oferecia faziam-na sentir-se ligeiramente desconfortável.

Começou com uma corrida ligeira, as ondas azuis a baterem ao seu lado, o brilho do sol a espreitar sobre o horizonte. Gaivotas pairavam e gritavam. Inspirou o ar húmido e salgado dos trópicos e, como os músculos começaram a aquecer e a tornar-se mais flexíveis, aumentou o passo.

Atingiu o seu ritmo pouco depois do primeiro quilómetro e meio e a ficou com a mente vazia.

Tinha estado nesta praia várias vezes desde que tinha conhecido Roarke — na realidade e em holograma. Antes disso, a maior massa de água que tinha visto tinha sido o rio Hudson.

As vidas mudam, pensou ela. Tal como a realidade.

Aos seis quilómetros e meio, quando os seus músculos estavam a começar a cantar, apanhou um movimento pelo canto do olho. Roarke, com o cabelo ainda húmido do mergulho, colocou-se ao lado dela, acertando o passo.

— Estás a correr para fugir ou para te aproximares? — perguntou ele.

— Só a correr.

— A minha Tenente levantou-se cedo.

— Tenho um dia preenchido.

Ele ergueu um sobrolho quando ela aumentou o passo. Eve tinha uma saudável veia competitiva, pensou ele, acompanhando facilmente o ritmo dela.

— Pensei que estavas de folga.

— E estava. — Abrandou, parou e depois dobrou-se pela cintura para fazer alongamentos. — Agora já não estou. — Ergueu a cabeça até os seus olhos se encontrarem com os dele. Não se tratava apenas da sua vida agora, recordou ela, ou da sua realidade. Era a deles. — Estou a ver que tinhas planos.

— Nada que não possa voltar a ser marcado. — O fim de semana na Martinica com que ele esperava surpreendê-la podia esperar. — Tenho a agenda livre nas próximas quarenta e oito horas, se precisares de mim para alguma coisa.

Ela exalou um suspiro. Esta era outra mudança na sua vida, esta partilha do seu trabalho.

— Talvez. Quero ir dar um mergulho.

— Faço-te companhia.

— Pensava que tinhas acabado de sair da piscina.

— Posso lá ir mais vezes. — Passou ao de leve um polegar sobre a covinha do queixo dela. O exercício tinha-lhe emprestado cor às boche-

chas e um brilho translúcido à pele. — Não é ilegal. — Pegou-lhe na mão para a conduzir para fora do ginásio, entrando no ar perfumado da sala da piscina.

Palmeiras e vinhas ondulantes cresciam luxuriantes, rodeando uma piscina em forma de lagoa, ladeada por pedras lisas e cascatas decrescentes.

— Tenho de ir buscar um fato-de-banho.

Ele limitou-se a sorrir, agarrando nas alças nos ombros dela.

— Porquê? — As suas mãos graciosas tocaram-lhe os seios ao de leve, enquanto os libertava. Eve ergueu as sobrancelhas.

— Que tipo de desporto aquático tinhas em mente?

— O que calhar. — Envolveu-lhe o rosto com as mãos, debruçando-se para a beijar. — Amo-te, Eve.

— Eu sei. — Fechou os olhos e descansou a fronte contra a dele. — É tão estranho.

Nua, virou-se e mergulhou na água escura. Deixou-se ficar submersa, passeando pelo fundo. Os seus lábios esboçaram um sorriso quando a água se tornou azul-pálida. Aquele homem conhecia as suas vontades antes dela própria. Fez vinte piscinas antes de se deitar preguiçosamente de costas. Quando se esticou, os dedos dele entrelaçaram-se nos dela.

— Estou bastante descontraída.

— Estás?

— Sim, tão descontraída que provavelmente não conseguiria repelir um tarado qualquer que quisesse aproveitar-se de mim.

— Nesse caso... — Agarrou-a pela cintura, virando-a até estarem cara a cara.

— Nesse caso... — Envolveu as pernas em redor dele e deixou que ele a mantivesse à tona.

Quando as suas bocas se encontraram, até o sussurro da tensão desertou. Sentiu-se solta, fluida e com um desejo silencioso. Deslizou os dedos pelo cabelo dele, que parecia seda espessa e molhada. O corpo estava firme e frio contra o dela e encaixava-se de um modo que ela quase tinha deixado de questionar. Só lhe faltou ronronar quando as mãos dele a tocaram ao de leve, fazendo lembrar vagamente um sentimento de possessão.

Ficou debaixo de água, enrolada com ele naquele mundo azul-pálido. Quando a boca dele se fechou sobre o seio dela, tremeu de excitação, com o choque de não conseguir inspirar ar. E os dedos dele estavam nela, dentro dela, fazendo-a disparar até um clímax inebriante e a lutar para subir à superfície.

Inspirou ar, desorientada, delirante, depois sentiu-o esvair-se de novo dos seus pulmões, quando a boca inteligente lhe substituiu os dedos.

O assalto ao seu sistema era precisamente o que ela tinha desejado. A

debilidade dela. A ganância dele. Que ele o soubesse, o compreendesse e lhe desse o que ela precisava era um mistério que nunca iria resolver.

A cabeça dela inclinou-se para trás para fazer dormente na lateral suave da piscina, enquanto desfrutava simplesmente do prazer que ele lhe oferecia.

Lenta e sub-repticiamente, a boca dele rumou para cima, sobre a barriga, torso e seios dela, para permanecer na sua garganta, onde a pulsação batia depressa.

— Consegues sustar a respiração de forma espantosa — conseguiu ela dizer, tremendo enquanto, devagar, centímetro a centímetro, ele a penetrava. — Deus meu.

Roarke observou o rosto dela, viu o calor assoberbar-lhe as faces, os lampejos de prazer a surgirem. Tinha o cabelo puxado para trás, deixando o rosto descoberto. Aquela boca teimosa, frequentemente demasiado séria, tremia para ele. Agarrando-lhe as ancas, levantou-a, entrando mais fundo, cada vez mais fundo, para a fazer gemer.

Encostou os lábios aos dela, mordiscando-os, enquanto começou a mover-se com um controlo exato, que os torturava a ambos.

— Deixa-te ir, Eve.

Observou aqueles astutos olhos de polícia tornarem-se cegos e difusos, ouviu o fôlego dela sustar-se e depois libertar algo semelhante a um soluço. Mesmo com o sangue a arder, manteve os seus movimentos dolorosamente lentos. Aguentando cada instante, cada centímetro, até aquele soluço se transformar no nome dele.

A sua própria libertação foi longa, profunda e perfeita.

Eve conseguiu arrastar as mãos para fora da água e agarrar os ombros dele.

— Não me largues ainda, senão afundo-me como uma pedra.

Ele soltou um riso fraco, pressionando os lábios contra a parte lateral do pescoço dela, onde a pulsação ainda dançava.

— Também eu. Devias levantar-te cedo mais vezes.

— Matávamo-nos um ao outro. Foi um milagre não nos termos afogado.

Ele inspirou o aroma da pele dela e da água.

— Ainda pode acontecer.

— Achas que conseguimos chegar até aos degraus?

— Se não estiveres com pressa.

Foram-se arrastando, subindo cambaleantes os degraus de pedra até à extremidade.

— Café — disse Eve debilmente, enquanto saía a cambalear para ir buscar dois grossos robes turcos.

Quando regressou, com um robe na mão e enrolada no outro, Roarke já tinha programado o AutoChef para duas chávenas, sem leite. O sol manchava de um dourado pálido o vidro curvado da estrutura.

— Tens fome?

Eve bebericou o café, murmurando enquanto a cafeína fazia efeito.

— Estou esfomeada. Mas quero tomar um duche.

— Então, vamos lá para cima.

De regresso ao quarto principal, Eve levou o café para o duche. Quando Roarke foi ter com ela para baixo do chuveiro, Eve semicerrou os olhos.

— Se baixares a temperatura da água, és um homem morto — avisou.

— A água fria abre os poros, ajuda a circulação.

— Tu já trataste disso. — Pousou o café no nicho e ensaboou-se no vapor.

Saiu primeiro e, enquanto entrava no tubo de secagem, abanou a cabeça quando Roarke ordenou que a temperatura da água descresse doze graus. Até pensar nisso a fez tremer.

Sabia que ele estava à espera que lhe falasse do caso que a tinha mantido na rua na noite anterior e que a fazia voltar no seu dia de folga. Gostou do facto de ele ter esperado até que ela se acomodasse na zona de estar da suite, com uma segunda chávena de café na mão e um prato a transbordar com uma omeleta de fiambre e queijo que esperava para ser devorada.

— Lamento mesmo não ter aparecido no jantar de ontem à noite.

Roarke provou as suas próprias panquecas de leitelho.

— Vou ter de pedir desculpa de cada vez que tiver de me ausentar por causa de negócios, deixando para trás os nossos planos pessoais?

Ela abriu a boca, voltou a fechá-la e abanou a cabeça.

— Não. O que se passa é que eu já estava com um pé na rua... Não me tinha esquecido... E recebemos uma chamada. Transmissão bloqueada. Não conseguimos rastreá-la.

— O NYPSD tem um equipamento miserável.

— Não é assim tão miserável — murmurou ela. — Este tipo é um verdadeiro profissional. Podias ter tido dificuldades.

— Isso é insultuoso.

Eve produziu um sorriso escarninho.

— Bem, talvez venhas a enfrentá-lo. Já que ligou especificamente para mim, não seria demasiado rebuscado esperar que me contactasse para a aqui.

Roarke pousou o garfo, pegou no café, ambos os gestos revestidos de casualidade apesar de todo o seu corpo ter entrado em estado de alerta.

— Especificamente para ti?



— Sim, queria-me a mim. Primeiro abordou-me com tretas de missão religiosa. Basicamente, está a fazer o trabalho do Senhor e o Chefão quer brincar aos enigmas. — Passou a gravação para ele ouvir, observando os olhos dele a estreitarem-se e a tornarem-se mais atentos. Roarke era esperto, refletiu ela ao ver a boca dele entristecer.

— Foste às Luxury Towers.

— Isso mesmo, ao último andar. Tinha deixado parte da vítima na zona de estar. O resto estava no quarto.

Ela afastou o seu prato e ergueu-se, passando a mão pelo cabelo enquanto andava de um lado para o outro.

— Nunca tinha visto nada tão mau, Roarke, tão maldoso. Foi tudo calculado, não foi violência descontrolada. A maior parte do trabalho foi preciso, cirúrgico. O exame preliminar do gabinete do patologista indica que a vítima foi mantida viva e consciente durante a maior parte da mutilação. Tinham-lhe dado imensas substâncias ilegais, em quantidade suficiente para o manterem consciente sem deixar de sentir a dor. E acredita, a dor deve ter sido inimaginável. Foi esventrado.

— Meu Deus. — Roarke exalou um suspiro. — Um castigo antigo para crimes políticos ou religiosos. Uma morte lenta e hedionda.

— E mesmo muito suja — acrescentou ela. — Os pés dele tinham sido decepados, uma mão tinha sido cortada rente ao pulso. Ainda estava vivo quando lhe foi retirado o olho direito. Foi o único pedaço dele que não recuperámos no local do crime.

— Que adorável. — Apesar de considerar que tinha um estômago forte, Roarke tinha perdido a vontade de tomar o pequeno-almoço. Erguendo-se, dirigiu-se para o armário. — Olho por olho.

— É uma cena de vingança, certo? De uma peça qualquer.

— Da *Bíblia*, querida. A peça de todas as peças. — Escolheu calças casuais do cabide giratório.

— De novo de volta a Deus. Muito bem, o jogo é vingança. Talvez seja religiosa, talvez seja apenas pessoal. Talvez consigamos descortinar um motivo quando acabarmos de analisar a vítima. Ninguém passa informações aos meios de comunicação, pelo menos até que eu contacte a família dele.

Roarke puxou as calças para cima, pegando numa camisa simples de linho branco.

— Filhos?

— Sim, três.

— Tens um trabalho miserável, Tenente.

— Por isso é que o adoro. — Eve esfregou as mãos pela cara. — Pensamos que a mulher e os filhos estão na Irlanda. Preciso de os encontrar hoje.

— Na Irlanda?

— Sim, parece que a vítima era um dos teus ex-compatriotas. Não presumo que conheças um Thomas X. Brennen, pois não? — O sorriso dela esvaiu-se quando viu os olhos de Roarke escurecerem e tornarem-se neutros. — Conhecias mesmo. Nunca pensei nisso.

— Quarenta e poucos anos? — perguntou Roarke, sem inflexão. — Cerca de um metro e oitenta, cabelo cor de areia?

— Sim, corresponde. Estava metido nas comunicações e entretenimento.

— O Tommy Brennen. — Com a camisa ainda na mão, Roarke sentou-se no braço de uma cadeira. — Filho da puta.

— Lamento. Não me ocorreu que ele fosse um amigo.

— Não era. — Roarke abanou a cabeça para afastar as memórias. — Pelo menos, não há mais de uma década. Conhecia-o em Dublin. Andava metido em burlas informáticas quando eu tentava a sorte nos esquemas. Cruzámo-nos umas quantas vezes, fizemos alguns negócios, bebemos umas quantas canecas de cerveja. Há cerca de doze anos, o Tommy começou a andar com uma jovem de boas famílias. Uma irlandesa respeitável. Ficou apanhadinho e decidiu endireitar-se. Endireitar-se mesmo — acrescentou Roarke, com um sorriso torto. — E cortou laços com os elementos menos... desejáveis da sua juventude. Eu sabia que ele estava radicado aqui em Nova Iorque, mas mantivemo-nos longe da vista um do outro. Creio que a mulher nada sabe das façanhas passadas dele.

Eve sentou-se no braço em frente do dele.

— Pode ter sido uma das façanhas passadas e um desses elementos menos desejáveis a ser responsável pelo que lhe aconteceu. Roarke, vou andar à pesca e, quando começar a pescar, quantas coisas relacionadas contigo é que vou descobrir?

Era uma preocupação, presumiu ele. Para ele, distante. Porém, sabia que nunca seria distante para ela.

— Eu apago o meu rasto, Tenente. E, tal como disse, não éramos amigos. Não tive qualquer contacto com ele em anos. Mas lembro-me dele. Tinha uma bela voz de tenor — murmurou Roarke. — Tinha riso fácil, uma mente bondosa e ansiava por ter uma família. Era rápido com os punhos, mas, que me lembre, nunca procurava sarilhos.

— Procurando ou não, encontrou-os. Sabes onde está a família dele?

Ele abanou a cabeça ao erguer-se.

— Mas posso arranjar-te essa informação rapidamente.

— Ficava grata. — Ergueu-se, enquanto ele se enfiava na camisa casual e elegante. — Roarke, lamento, por o que quer que ele fosse para ti.

— Talvez um trevo irlandês. Uma canção num pub fumarento numa

noite chuvosa. Também lamento. Vou para o meu escritório. Dá-me dez minutos.

— Claro.

Eve demorou a vestir-se. Tinha um palpite que Roarke iria precisar de mais do que dez minutos. Não para aceder aos dados que ela tinha pedido. Com o seu equipamento e perícia, tê-los-ia em metade do tempo. Mas pensou que ele precisava de uns momentos a sós para lidar com a perda dessa canção num pub fumarento.

Ela nunca tinha perdido seja quem for, nem remotamente próximo. Talvez, apercebeu-se Eve, porque tinha tido o cuidado de apenas deixar alguns escolhidos aproximarem-se o suficiente para serem importantes. Depois, Roarke tinha aparecido e ela não tinha tido escolha. Ele tinha sido o autor de uma invasão subtil, elegante e inescapável. E agora... Passou um polegar pela aliança de ouro trabalhado que tinha no dedo. Agora, ele era essencial.

Desta vez foi pelas escadas, serpenteando pelos átrios largos na grande e bela casa. Não tinha de bater na porta do escritório dele, mas fê-lo, esperando que a porta se abrisse convidativamente.

As persianas estavam levantadas para deixar o sol entrar. O céu por trás do vidro tratado apresentava-se escuro, sugerindo que a chuva ainda não tinha terminado. Roarke estava na secretária antiga de madeira brilhante em vez de estar na consola moderna. O chão estava coberto por belíssimos tapetes antigos, que tinha adquirido nas suas viagens.

Eve enfiou as mãos nos bolsos. Estava quase habituada à grandiosidade em que agora vivia, mas não sabia o que fazer com o desgosto de Roarke, com o pesar silencioso, intimamente contido.

— Ouve, Roarke...

— Fiz-te uma cópia. — Colocou uma folha de papel na secretária. — Pensei que seria mais fácil. A mulher e os filhos dele estão de momento em Dublin. As crianças são menores: dois rapazes e uma rapariga. Nove, oito e seis anos.

Demasiado inquieto para se sentar, ergueu-se para fitar a paisagem de Nova Iorque, sossegada, a luz ainda difusa, os céus quase parados. Tinha descarregado imagens da família de Brennen — a bonita mulher de olhos brilhantes, as crianças de faces rosadas. A história tinha-o perturbado mais do que se tinha apercebido.

— Em termos financeiros, vão ficar bastante confortáveis — disse, quase para si próprio. — O Tommy tratou disso. Aparentemente, tinha-se tornado um marido e pai muito bom.

Eve atravessou a sala, ergueu uma mão para lhe tocar, depois dei-

xou-a cair. Raios partam, pensou, não era boa nisto. Não era boa a saber se devia reconfortá-lo ou não.

— Não sei o que fazer por ti — disse, por fim.

Quando ele se virou, tinha os olhos brilhantemente azuis e a fúria misturava-se neles com o desgosto.

— Descobre quem lhe fez isto. Posso confiar em ti para isso.

— Sim, sem dúvida.

Um sorriso tocou-lhe os lábios, curvando-os.

— Tenente Dallas a combater em nome dos mortos, como sempre.

— Passou uma mão pelo cabelo dela, erguendo uma sobrancelha quando ela a apanhou.

— Vais deixar que eu trate disto, Roarke.

— Disse o contrário?

— Foi o que não disseste que me começa a preocupar. — Ela conhecia-o, conhecia-o o suficiente para compreender que ele teria as suas próprias formas, os seus próprios meios, e muito provavelmente, os seus próprios objetivos. — Se estiveres com ideias de tratar disto sozinho, esquece-as neste momento. O caso é meu e eu vou tratar dele.

Roarke passou-lhe as mãos pelos braços de uma forma que a fez semicerrar os olhos.

— Naturalmente. Mas vais manter-me ao corrente? E sabes que estou disponível para qualquer ajuda de que necessites.

— Penso que me consigo desenvolver sozinho e penso que seria melhor se te afastasses deste caso. Mantém-te longe.

Ele beijou-lhe a ponta do nariz.

— Não — disse ele prazenteiramente.

— Roarke...

— Preferias que te mentisse, Eve? — Pegou na cópia enquanto ela amuava, entregando-lha. — Vai trabalhar. Vou fazer umas quantas chamadas. Penso que no final do dia já devo ter uma lista completa dos parceiros do Tommy, profissionais e pessoais, os seus inimigos, amigos, amantes, estado financeiro e assim por diante. — Enquanto falava, conduzia-a pela divisão. — Para mim é mais fácil recolher os dados e assim ficas com uma imagem nítida do caso.

Eve conseguiu manter-se firme antes de ele a empurrar porta fora.

— Não te posso impedir de acumulares dados. Mas não passes dos limites, amigo. Nem um centímetro.

— Sabes como fico excitado quando és assim.

Ela conteve um riso e ainda conseguiu lançar-lhe um olhar severo.

— Cala-te — murmurou ela e enfiou as mãos nos bolsos e afastou-se em passos largos.

Roarke observou-a, esperando que ela desaparecesse pelas escadas. Com cautela, virou-se para o monitor de segurança e ordenou uma visualização. O riso tinha-se-lhe esvaído dos olhos ao observá-la a descer os degraus à pressa, agarrando no casaco que Summerset tinha colocado no balaústre.

— Estás a esquecer-te de um chapéu-de-chuva — murmurou ele e suspirou quando ela se aventurou desprotegida pela chuva miudinha.

Não lhe tinha contado tudo. Como poderia? Como poderia ter a certeza, de qualquer modo, que era relevante? Precisava de saber mais antes de arriscar enredar a mulher que amava na fealdade do seu passado, dos seus pecados.

Deixou o escritório, dirigindo-se à sala de comunicações, enorme e ilegal. Pousando a palma da mão no ecrã de segurança, identificou-se e, depois, entrou. Aqui, o equipamento não estava registado e qualquer atividade não seria detetada pelo olho onisciente do CompuGuard. Precisava de pormenores para planear o próximo passo. Sentou-se no banco negro e elegante do centro de controlo e começou a sua investigação.

Invadir o sistema do NYPSD era uma brincadeira de crianças. Enviou uma desculpa silenciosa à mulher enquanto acedia aos ficheiros dela, entrando no gabinete do patologista.

— Vídeo do local do crime no ecrã um — ordenou Roarke, recostando-se. — Relatório da autópsia, ecrã dois. Relatório do agente encarregue do caso, ecrã três.

O horror do que tinha sido feito a Brennen apareceu no ecrã, fazendo os olhos de Roarke esfriarem. Pouco restava do jovem que ele tinha conhecido há uma vida atrás, em Dublin. Leu o relatório conciso e formal sem emoção, estudando os termos completos do relatório preliminar do patologista.

— Cópia para o ficheiro “Brennen”, código Roarke, palavra-chave apenas com a minha impressão vocal. Fora do ecrã.

Virando-se, pegou na sua tele-ligação doméstica.

— Summerset, suba por favor.

— Estou a caminho.

Roarke ergueu-se, movendo-se para a janela. Sabia que o passado podia regressar para o assombrar. A maioria das vezes, permanecia num canto fantasmagórico aguardando uma oportunidade de ataque. Ter-se-ia esgueirado para atacar o Tommy Brennen? Ou era apenas azar, num momento péssimo?

A porta abriu-se e Summerset, esquelético no seu traje negro, entrou.

— Há algum problema?

— O Thomas Brennen.

Os lábios finos de Summerset contorceram-se, depois os olhos iluminaram-se no que era quase um sorriso.

— Sim, um irrequieto jovem *hacker* que gostava de canções de rebeldes e de Guinness.

— Foi assassinado.

— Lamento ouvi-lo.

— Aqui em Nova Iorque — prosseguiu Roarke. — A Eve é o investigador principal. Roarke observou a boca de Summerset imobilizar-se e repousar. — Foi torturado, mantido vivo para sentir a dor. Foi esventrado.

Demorou um momento, mas a cara já pálida de Summerset embranqueceu ainda mais.

— Coincidência.

— Talvez, esperemos. — Roarke retirou um cigarro de uma cigareira japonesa, acendendo-o para o fumar com prazer. — Quem quer que o tenha feito chamou a minha mulher pessoalmente, queria que ela estivesse envolvida.

— Ela é polícia — disse Summerset com o desdém de toda uma vida na voz.

— Ela é minha mulher — retorquiu Roarke, com um tom assassino. — Se não for uma coincidência, vou contar-lhe tudo.

— Não pode arriscar. Não há prescrição para crimes de homicídio, mesmo que exista justificação.

— Essa decisão ficaria nas mãos dela, não? — Roarke inspirou profundamente, sentando-se na ponta da consola. — Não vou permitir que ela trabalhe às cegas, Summerset. Não a vou colocar nessa posição. Nem por mim, nem por ti. — O desgosto voltou a assombrar-lhe os olhos enquanto olhava para baixo, para a chama na ponta do cigarro. — Nem por qualquer memória. Precisas de estar preparado.

— Não sou eu quem vai pagar se ela der mais valor à lei do que a ti. Fizeste o que precisava de ser feito, o que tinha de ser feito, o que devia ser feito.

— E a Eve também o fará — disse Roarke, docemente. — Antes de planarmos, precisamos de reconstruir. Do que é que te recordas dessa altura e de quem esteve envolvido?

— Não me esqueci de nada.

Roarke estudou o maxilar rígido e os olhos endurecidos de Summerset, assentindo.

— Era com isso que estava a contar. Então, mãos à obra.

As luzes na consola brilhavam como estrelas. Adorava olhar para elas. Não

importava que a sala fosse pequena e sem janelas. Ele tinha o zumbido da máquina, a luz dessas estrelas para o guiar.

Estava pronto para avançar para o próximo, pronto para iniciar a próxima ronda. O menino dentro dele regozijava-se com a competição. O homem que tinha sido formado a partir desse menino preparava-se para o trabalho sagrado.

Tinha as ferramentas cuidadosamente dispostas. Abriu o frasco de água benzida por um bispo e salpicou-a com reverência sobre o laser, as facas, o martelo, os pregos. Os instrumentos da vingança divina, as ferramentas da retribuição. Por trás deles estava uma estátua da Virgem, esculpida em mármore branco para simbolizar a sua pureza. Tinha os braços abertos, em gesto de bênção, o rosto belo e sereno, em aceitação.

Debruçou-se, beijou os pés de mármore branco.

Por um momento, pensou ver o brilho do sangue na sua mão, e essa mão tremeu.

Mas não, tinha a mão limpa e branca. Tinha lavado o sangue do seu inimigo. A marca de Caim manchava os outros, mas ele mantinha-se puro. Afinal, ele era o cordeiro de Deus.

Em breve, muito em breve, iria encontrar-se com outro inimigo e tinha de ser forte para colocar isco na armadilha, para usar a máscara da amizade.

Tinha jejuado, feito o sacrifício, purificado o coração e mente de todos os males mundanos. Agora mergulhava os dedos numa pequena taça de água benta, levando-os à frente, coração, ombro esquerdo e, por fim, ombro direito. Ajoelhou-se, cerrando uma mão sobre um escapulário de tecido que trazia consigo. Tinha sido abençoado pelo Papa e a sua promessa de proteção contra o mal reconfortava-o.

Guardou-o primorosamente sob a seda da sua camisa, onde podia ficar guardar em contacto com a pele quente.

Seguro, confiante, ergueu o olhar para o crucifixo que pairava acima da mesa robusta, que continha as armas da sua missão. A imagem de um Cristo sofredor rebrilhava em tons de prata contra uma cruz de ouro. O auxiliar visual de um homem rico. A ironia de possuir uma imagem esculpida em metais preciosos a representar um homem que tinha pregado a humildade nunca o tinha acometido.

Acendeu as velas, dobrou as mãos e, curvando a cabeça, rezou com a paixão dos fiéis e dos loucos.

Rezou pela graça e preparou-se para o homicídio.

---

---

## CAPÍTULO TRÊS

---

---

A divisão dos Homicídios na Central de Polícia cheirava a café velho e urina fresca. Eve serpenteou pelas secretárias apinhadas, mal registrando o zumbindo de conversa que vinha dos detetives que trabalhavam com as suas tele-ligações. Um droide de manutenção passava atarefadamente uma esfregona pelo linóleo antigo.

O cubículo de Peabody era um quadrado mínimo parcamente iluminada, no canto mais afastado. Apesar do seu tamanho e localização, estava tão impiedosamente organizado e arrumado como a própria Peabody.

— Alguém se esqueceu da localização das casas de banho? — perguntou Eve casualmente, fazendo com que Peabody afastasse o olhar da sua secretária de metal amolgado, típico da polícia.

— O Bailey chamou um sem-abrigo para o interrogar sobre um esfaqueamento. O sem-abrigo não gostou de ser chamado como testemunha e expressou o seu desagrado esvaziando a bexiga em cima dos sapatos do Bailey. Segundo todos os relatos, a dita bexiga estava invulgarmente cheia.

— Só mais um dia no paraíso. Já chegou o relatório dos criminalistas sobre o Brennen?

— Acabei de lhes lembrar que estamos à espera. Deve estar a chegar.

— Então, vamos começar pelos discos de segurança das Luxury Towers e do apartamento do Brennen.

— Há um problema com isso, Tenente.

Eve ergueu a cabeça.

— Não os arranjaste?

— Arranjei o que havia para arranjar. — Peabody pegou num saco selado que continha um único disco. — O disco de segurança das Towers, ao nível do penthouse, para o período de doze horas antes da descoberta do corpo do Brennen, e o SCAN-EYE da casa do Brennen estavam desligados, vazios.

Eve assentiu e pegou no saco.

— Eu devia ter pensado que ele não seria assim tão estúpido. Fizeste o download das chamadas recebidas e enviadas da tele-ligação do Brennen?

— Estão aqui mesmo. — Peabody entregou-lhe outro disco, primorosamente etiquetado.

— Vamos para o meu gabinete. Vamos corrê-los e ver o que temos.



Vou telefonar ao Feeney — continuou, Eve enquanto saíam da divisão. — Vamos precisar da colaboração da Divisão de Detetives Eletrónicos.

— O Capitão Feeney está no México, Tenente. Está de férias...

Eve parou, fazendo um ar aborrecido.

— Merda, esqueci-me. Tem mais uma semana, não tem?

— Um pouco mais. Na sua adorável *villa* à beira-mar. Para a qual a sua devotada ajudante ainda não foi convidada.

Eve ergueu uma sobrancelha.

— Estás com o bichinho de ver o México?

— Já vi o México, Dallas. Tenho o bichinho é de deixar que um “*caballero*” de sangue quente faça comigo o que quiser.

Soprando, Eve destrancou a porta do seu gabinete.

— Se resolvermos este caso a tempo, Peabody, logo vejo se consigo tratar disso. — Atirou os discos para a sua secretária já desordenada, depois libertou-se do casaco. — Ainda precisamos de alguém da DDE. Vê quem é que eles podem dispensar que perceba do assunto. Não quero um curioso de segunda.

Peabody sacou do seu comunicador para fazer o pedido, enquanto Eve se acomodava por trás da secretária, inserindo o disco das comunicações de Brennen na sua unidade.

— Ligar — ordenou ela, depois de se recordar da sua palavra-chave. — Reproduzir.

Só havia uma chamada feita no dia antes do homicídio de Brennen. Tinha ligado para a mulher, falado com os filhos. O palavreado doméstico, íntimo e simples de um homem e da família à qual planeava juntar-se fez Eve ficar insuportavelmente triste.

— Tenho de contactar a mulher — murmurou Eve. — Raio de maneira de começar o dia. É melhor tratar disso agora antes de termos uma fuga de informação para os meios de comunicação. Dá-me dez minutos, Peabody.

— Sim, chefe. A DDE vai enviar um tal de Detetive McNab.

— Está bem. — Quando a sua porta se fechou e ficou a sós, Eve inspirou profundamente. E fez a chamada.

Quando Peabody regressou, dez minutos depois, Eve estava a beber café enquanto fitava o exterior da sua janela estreita.

— A Eileen Brennen vai regressar a Nova Iorque e traz os miúdos. Insiste em vê-lo. Não se desmanchou. Às vezes, é pior quando não se desmancham, quando se aguentam. Quando podemos ver nos olhos deles que têm a certeza de que cometemos um erro.

Deu um jeito aos ombros, como que a afastar um peso, virando-se de seguida.

— Vamos ver o disco de segurança. Podemos ter sorte.

Peabody quebrou ela própria o selo do disco e inseriu-o no local certo. Segundos depois, tanto ela como Eve fitavam o ecrã do computador.

— O que raio é isto? — exigiu Eve.

— É... Não sei. — Peabody fez um esgar ao ver as figuras que se moviam no ecrã. As vozes estavam elevadas, mas eram solenes e numa língua estrangeira. No centro estava um homem de preto, com vestes por cima de vestes, com dois rapazinhos a seu lado vestidos de branco. Segurava na mão um cálice de prata enquanto se colocava perante um altar envolto num tecido preto e decorado com flores e velas brancas. — Um ritual? É uma peça?

— É um funeral — murmurou Eve, estudando o caixão fechado e brilhante por baixo da plataforma elevada. — Uma Missa fúnebre. Já assisti a uma. Acho que é uma coisa católica. Computador, identifica a cerimónia e a língua que o disco contém.

A trabalhar... A cerimónia é a Missa de Réquiem Católica ou Missa para os Mortos. A língua é o latim. Esta secção ilustra o cântico e ritual ofertório, nos quais...

— Basta. Onde raio arranjaste este disco, Peabody?

— Veio direitinho da sala de segurança das Luxury Towers, Dallas. Estava codificado, marcado e etiquetado.

— Ele trocou-os — ponderou Eve. — O filho da mãe trocou-nos os discos. São mais joguinhos dos dele. E é mesmo bom nisso. Computador, para a reprodução, copia o disco. — Enfiando as mãos nos bolsos, Eve balouçou-se nos saltos. — Está a divertir-se connosco, Peabody. Vou ter de magoá-lo por isso. Ordena uma revista à sala de segurança e trata de confiscar todos os discos que se enquadrem no período apropriado.

— Todos os discos?

— Todos os discos, todos os andares, todos os níveis. E quero o relatório dos polícias de giro que fizeram o interrogatório porta a porta nas Towers. — Enfiou no bolso a cópia que o computador expeliu. — E vou ver por que raio está a demorar o relatório da revista inicial.

Pegou na tele-ligação mesmo enquanto esta começou a tocar.

— Dallas.

— Foi rápida, Tenente. Estou impressionado.

Eve só teve de piscar os olhos para que Peabody ordenasse uma deteção de transmissão. Eve sorriu friamente para as cores que nadavam no seu ecrã. Desta vez, a música era um coro de vozes numa língua que agora reconhecia como sendo o latim.

— Fez um belo trabalho com o Brennen. Deve ter-se divertido.  
— E diverti, acredite. Sabe, o Tommy era um belo cantor. Sem dúvida que cantou para mim. Ouça.  
De uma só vez, a sala encheu-se de gritos, gritos desumanos e implorantes que fizeram a espinha de Eve gelar.  
— Lindo. Implorou pela vida dele, depois implorou-me que acabasse com ela. Mantive-o vivo durante quatro horas, dando-lhe tempo para reviver os seus pecados passados.  
— Falta subtileza ao seu estilo, comparsa. Quando o apanhar, vou ter a subtileza suficiente para o impedir de alegar perturbações mentais. Vou apanhá-lo e vou fazer tudo para que vá parar a uma cela em Attica Two. As instalações daquele lugar fazem as celas deste planeta parecer clubes de campo.  
— Encarceraram o Batista, mas ele conheceu a glória do Céu.  
Eve tentou recuperar a sua parca memória de histórias bíblicas.  
— Foi o que perdeu a cabeça por causa de uma dançarina, certo? Está disposto a arriscar a sua por uma polícia?  
— Ela era uma meretriz — murmurou, fazendo Eve debruçar-se para ouvir. — O mal numa forma bela. Como acontece tantas vezes. Ele resistiu-lhe, à sua tentação, e foi martirizado puro.  
— Quer ser martirizado? Morrer por aquilo que chama a sua fé? Posso ajudá-lo. Basta dizer-me onde está.  
— Desafia-me, Tenente, de formas que não tinha antecipado. Uma mulher obstinada é um dos maiores prazeres de Deus. Ainda por cima, recebeu o nome de Eva, a mãe da Humanidade. Se ao menos o seu coração fosse puro, poderia admirá-la.  
— Pode poupar a admiração.  
— Eva também era fraca de espírito e, por causa dela, a sua descendência perdeu o Paraíso.  
— Sim, e Adão era um pau mandado que não conseguia assumir responsabilidades. Acabou a hora da *Bíblia*. Vamos lá avançar com isto.  
— Estou ansioso por conhecê-la, apesar de ainda não ser para já.  
— Vai ser mais cedo do que julga.  
— Talvez, talvez. Entretanto, outro enigma. Desta vez, uma corrida. O próximo pecador ainda está vivo, ainda afortunadamente ignorante do seu castigo. Pelas suas palavras, e pela lei de Deus, está condenado. Escute: “Um homem com fé está repleto de bênçãos, mas aquele que se apressar em ser rico não escapará sem castigo.” Já passou tempo suficiente sem receber o seu castigo.  
— Castigo pelo quê?  
— Por ter uma língua mentirosa. Tem vinte e quatro horas para sal-

var uma vida, se for essa a vontade de Deus. O enigma: tem uma tez clara e outrora viveu pelos seus artifícios. Mas agora esses artifícios estão enfraquecidos enquanto, tal como o velho Dicey Riley, é levado a cear a sopa. Vive onde trabalha e trabalha onde vive e toda a noite serve a outros aquilo que deseja. Atravessou a espuma, mas encerra-se a chorar num local que lhe recorda o lar. A não ser que o encontre, amanhã de manhã, a sorte dele vai esgotar-se. É melhor despachar-se.

Eve manteve os olhos fixos no ecrã muito depois deste se ter apagado.

— Lamento, Dallas, não consegui detetá-lo. Talvez o detetive possa fazer alguma coisa com isto quando chegar.

— Quem raio é o Dicey Riley? — perguntou-se Eve. — Como assim, “sopa”? A sopa dos pobres? Talvez seja algo relacionado com comida. Restaurantes. Restaurantes irlandeses.

— Acho que isso é um oxímoro.

— O quê?

— Foi uma má piada — disse Peabody, com um sorriso doentio. — Para aligeirar o ambiente.

— Pois claro. — Eve deixou-se cair na sua cadeira. — Computador, faz uma lista com nomes e localizações de todos os restaurantes irlandeses da cidade. Em papel. — Virou-se na cadeira. — Contacta a Tweezer, foi a criminalista principal no caso do Brennen. Diz-lhe que preciso de alguma coisa, de qualquer coisa. E manda um polícia de giro até às Towers para ir buscar os discos de segurança. Toca a andar.

— Estou a ir — concordou Peabody, saindo.

Uma hora depois, Eve examinava o relatório dos criminalistas. Não havia quase nada para analisar.

— O sacana não deixou nem um pelo do nariz para investigarmos. — Esfregou os olhos. Decidiu que precisava de voltar ao local do crime, percorrê-lo, tentar visualizar aquilo tudo. Só conseguia ver o sangue, o horror, o desperdício.

Precisava de se libertar dessa visão.

Mais uma vez, a citação bíblica saíra do Livro dos Provérbios. Só podia presumir que a futura vítima queria ser rica. E isso, decidiu ela, limitava a busca a toda a população pecadora de Nova Iorque.

O motivo era vingança. Dinheiro por traição? — interrogou-se. Alguém ligado ao Brennen? Foi buscar as listas a que Roarke tinha acedido e lhe tinha transmitido. Leu os nomes dos sócios e amigos de Thomas Brennen.

Nenhuma amante, ponderou. Roarke teria descoberto alguma se

existisse. Thomas Brennen tinha sido um marido fiel e agora a sua mulher era viúva.

Ao ouvir um roçar na ombreira da porta, olhou para cima, fazendo um esgar vago ao homem sorridente. Vinte e tantos, avaliou ela, com um rosto de menino bonito e gosto pela moda.

Mal chegava ao um metro e oitenta, mesmo com as botas aéreas amarelo néon. Acima delas usava ganga: umas calças que enfolavam e um casaco que mostrava punhos desgastados. Tinha um cabelo da cor do ouro brilhante, que ondulava num rabo-de-cavalo ao nível da cintura. Tinha meia dúzia de pequenas argolas de ouro brilhante no lóbulo esquerdo.

— Enganou-se no caminho, amigo. Está nos Homicídios.

— Deve ser a Dallas. — O sorriso prestável e inteligente cravou-lhe covinhas gémeas nas faces. Tinha os olhos de um verde nebuloso. — Eu sou o McNab, da DDE.

Eve suprimiu a vontade de se queixar num suspiro calmo, enquanto estendia uma mão. *Meu Deus*, pensou, quando ele retribuiu o gesto com dedos que rebrilhavam com anéis.

— É um dos rapazes do Feeney.

— Juntei-me à unidade dele há seis meses. — Lançou um olhar ao gabinete atulhado e mal iluminado. — Aqui nos Homicídios levaram mesmo uma coça com os cortes orçamentais. Na DDE, temos armários maiores do que este gabinete.

Olhou em redor e depois lançou um sorriso fresco quando Peabody se colocou ao seu lado.

— Nada como uma mulher fardada.

— Peabody, McNab.

Peabody examinou-o demorada e atentamente, perscrutando os brilhos e lustros.

— É esta a farda da DDE?

— Hoje é sábado — disse McNab, com simplicidade. — Estava em casa quando recebi a chamada. Pensei em passar por cá e ver o que se passa. Além disso, na DDE somos um pouco liberais.

— Obviamente. — Peabody começou a espremer-se para passar por ele, semicerrando os olhos quando ele voltou a sorrir.

— Os três aqui dentro, vamos ficar em pecado. Mas eu alinho. — Moveu-se o suficiente para a deixar passar, depois seguiu-a, deixando o olhar baixar-se para julgar as curvas.

Nada má, pensou. Mesmo nada má.

Quando ergueu o olhar e se deparou com o ar pétreo de Eve, aclarou a garganta. Conhecia a reputação de Eve Dallas. Não tolerava merdas.

— O que posso fazer por si, Tenente?

— Tenho um homicídio entre mãos, Detetive, e poderei vir a ter outro amanhã por esta hora. Preciso de rastrear uma comunicação. Preciso da localização. Preciso de descobrir como raio é que este sacana está a bloquear as nossas linhas.

— Então, sou o homem indicado. As chamadas são recebidas por esta unidade? — Com o assentimento de Eve, aproximou-se. — Importa-se que me sente na sua cadeira, para ver o que posso fazer?

— À vontade. — Eve levantou-se, afastando-se para lhe dar o lugar. — Peabody, esta tarde tenho de ir à morgue. Vou tentar sondar a Sra. Brennen, obter uma declaração. Vamos dividir a lista de restaurantes entre as duas. Procuramos uma pessoa que trabalha e vive onde trabalha, alguém que emigrou para Nova Iorque e alguém com uma possível ligação ao Thomas Brennen. Tenho uma lista dos amigos e sócios mais próximos. Reduz a lista e rápido. — Entregou a Peabody uma cópia em papel.

— Sim, chefe.

— E verifica atentamente qualquer pessoa que se chame Riley... Ou Dicey.

McNab parou o trautear surdo que parecia ser a canção típica de todos os especialistas em eletrónica que Eve conhecia.

— Dicey Riley? — disse ele, e riu-se.

— Escapou-me a piada, McNab.

— Provavelmente. “Dicey Riley” é uma canção de pub irlandesa.

— Pub? — Os olhos de Eve estreitaram-se. — É irlandês, McNab?

Apercebeu-se do ligeiro rubor do insulto a passar pelo rosto bonito.

— Sou escocês, Tenente. O meu avô era das Terras Altas.

— Que bom para ele. O que significa a canção? É sobre o quê?

— É sobre uma mulher que bebe demais.

— Bebe? Não come?

— Bebe — confirmou ele. — O Vírus Irlandês.

— Merda. Bem, de qualquer modo, metade são pubs — disse Eve, ao olhar para a sua lista. — Vamos verificar também bares irlandeses na cidade.

— Vai precisar de uma força especial com vinte agentes para ir a todos os pubs irlandeses de Nova Iorque — disse McNab com facilidade, voltando depois ao seu trabalho.

— Limite-se a tratar do rastreio — ordenou Eve. — Peabody, analisa os nomes e localizações dos bares. O agente já voltou com os discos das Torres?

— Vem a caminho.

— Ótimo! Divide os bares por zonas geográficas. Eu fico com a zona

sul e oeste, tu com a zona norte e leste. — Quando Peabody estava a sair, Eve virou-se para McNab.

— Preciso de alguma coisa depressa.

— Não vai ser rápido. — O rosto juvenil dele estava agora sério por causa da concentração. — Já descasquei algumas camadas. Não há nada. Estou a fazer correr um rastreio indiscriminado à última transmissão. Demora, mas é a melhor maneira de fazer um rastreio a um bloqueio.

— Vê se te despachas — ripostou ela. — E contacta-me assim que descobrires alguma coisa.

Ele revirou os olhos quando Eve virou as costas e saiu.

— Mulheres — murmurou ele. — Sempre à espera de um milagre.

Eve passou por uma dúzia de bares no caminho para o edifício do patologista. Encontrou dois donos de bar e três empregados que viviam em cima ou nas traseiras dos respetivos negócios. Ao arrumar a unidade dela num lugar de estacionamento de terceiro nível no gabinete do patologista, ligou a Peabody.

— Como estão as coisas?

— Até agora, tenho duas hipóteses e a minha farda vai cheirar a fumo e a whisky durante os próximos seis meses — brincou Peabody. — Nenhum dos meus candidatos alega ter conhecido o Thomas Brennen ou ter um inimigo que seja.

— Pois, estou a ouvir as mesmas coisas. Continua. Estamos a ficar sem tempo.

Eve desceu as escadas e inseriu o seu código de segurança. Evitou a zona de espera discreta e carregada de flores, dirigindo-se diretamente para a morgue.

O ar estava frio e estava cheio da distante e astuta fragrância da morte. As portas podiam ser de aço e estar seladas, mas a morte encontrava sempre forma de dar a conhecer a sua presença.

Tinha deixado o Brennen na Sala de Autópsias B e, uma vez que era improvável que ele tivesse pura e simplesmente ido para outro lugar, aproximou-se do painel de segurança, erguendo o distintivo para o leitor.

Autópsia a decorrer, Brennen, Thomas X. Respeite as regras de saúde e segurança ao entrar. Tem autorização, Tenente Eve Dallas.

A porta emitiu um clique, depois abriu-se com uma rajada de ar gélido. Eve entrou e viu a forma janota e aprumada do Dr. Morris, o patologista, removendo graciosamente o cérebro de Brennen do seu crânio aberto.

— Lamento ainda não termos terminado, Dallas. Esta manhã fomos invadidos por chegadas sem reserva. Havia gente mortinha por entrar — riu-se o patologista.

— O que me pode contar?

Morris verificou o peso do cérebro, colocando-o à parte, em fluido. A sua trança ao nível da cintura compunha uma linha curva na sua bata de laboratório, branca como a neve. Por baixo, tinha vestido um fato-macaco de um roxo virulento.

— Era um homem de cinquenta e dois anos saudável, que tinha partido a tibia uma vez. Sarou bem. Saboreou a sua última refeição cerca de quatro horas e meia antes da morte. Diria que foi o almoço. Caldo de carne, pão e café. O café foi drogado.

— Com o quê?

— Um calmante não muito forte. Um tranquilizante legal. Deve ter-se sentido bastante descontraído, talvez até ligeiramente pedrado. — Morris inseriu dados manualmente na sua agenda portátil, falando com Eve por cima dos restos brancos e mutilados. — O primeiro ferimento deve ter sido a mão decepada. Mesmo com o calmante no sistema, deve ter ficado em choque e perdeu sangue de forma rápida e traumatizante.

Eve recordou-se das paredes do apartamento, dos esguichos pavorosos de sangue. Imaginou que as artérias decepadas tinham esguichado e bombeado como uma mangueira na potência máxima.

— Quem quer que o tenha cortado parou o jato de sangue cauterizando o coto.

— Como?

— O meu palpite vai para uma tocha de mão. — Fez um esgar. — Foi um trabalho cruel. Está a ver a parte enegrecida e tostada do coto até ao cotovelo? Deve ter doído imenso.

— Imenso... — murmurou Eve, enganchando os polegares nos bolsos. — Está a dizer-me que, basicamente, o Brennen sofreu um colapso depois do primeiro ataque, o que se coaduna com os poucos ou inexistentes sinais de luta no apartamento.

— Não se conseguiria ter defendido contra uma barata tonta. A vítima foi imobilizada pelo pulso que lhe restava. As drogas que lhe foram administradas eram uma combinação de adrenalina e digitalis, o que manteve o coração a bater e o cérebro consciente enquanto o torturavam. — Morris exalou um suspiro. — E que tortura! A morte não foi rápida nem fácil para este andarilho irlandês.

Os olhos de Morris permaneceram serenos por trás dos seus óculos de segurança. Com uma mão selada, fez um gesto na direção de um pequeno tabuleiro de metal.



— Encontrei aquilo no estômago dele, misturado com o almoço.

Eve fez um esgar para o tabuleiro. O objeto era mais ou menos do tamanho de um crédito de cinco dólares. Era de um branco brilhante com uma imagem verde-vivo pintada. No outro lado tinha uma forma oblonga, que se cruzava numa ponta.

— Um trevo de quatro folhas — ajudou Morris. — É um símbolo de sorte. O assassino tem um sentido de ironia apurado e cruel. Na parte de trás, a forma esquisita? O seu palpite é tão bom quanto o meu.

— Vou levá-lo comigo. — Eve enfiou o amuleto num saco de provas. — Pretendo pedir à Dra. Mira aconselhamento neste caso. Precisamos de um perfil. Ela vai contactá-lo em breve.

— É sempre um prazer trabalhar com a Mira e consigo, Tenente. — A banda de comunicação que tinha no pulso vibrou. — Palácio da Morte. Fala Morris.

— A Sra. Eileen Brennen chegou e pede para ver os restos mortais do marido.

— Leve-a para o meu gabinete. Estarei lá dentro de momentos. — Virou-se para Eve. — Não vale a pena deixá-la ver o desgraçado neste estado. Quer falar com ela?

— Sim.

— Utilize o meu gabinete durante o tempo que precisar. A Sra. Brennen pode ver o corpo dentro de vinte minutos. Já vai estar... apresentável.

— Obrigada. — Dirigiu-se para a porta.

— Dallas.

— Sim?

— O mal... Bem, não é um termo que eu goste de usar a torto e a direito. É um pouco embaraçoso. — Moveu os ombros. — Mas o tipo que fez isto... é a única palavra de que me consigo lembrar e que se enquadra.

Essas palavras voltaram a ressoar na mente de Eve quando se encontrou cara-a-cara com Eileen Brennen. A mulher estava apumada e bem arranjada. Apesar de ter os olhos secos, tinha o rosto pálido como a cera. As mãos não lhe tremiam, mas também não conseguiam descansar. Remexia na corrente de ouro que estava pendurada na corrente fina que trazia à cintura, remexia na bainha da saia, passava os dedos pelo cabelo louro ondulado.

— Quero ver o corpo que encontraram. Insisto em vê-lo. É o meu direito.

— E vai ver, Sra. Brennen. Estamos a tratar disso. Mas, antes, se pudesse dispensar-me alguns minutos do seu tempo, seria muito útil.

— Como é que sei que é ele? Como é que sei que é o meu Tommy até o ver?

Não valia a pena oferecer esperança.

— Sra. Brennen, identificámos os seu marido pelas impressões digitais, pelo ADN e pela identificação visual do porteiro das Luxury Towers. Lamento, não há qualquer engano. Por favor, sente-se. Posso oferecer-lhe alguma coisa? Um pouco de água?

— Não quero nada. Nada. — Eileen sentou-se com um ligeiro estremecimento, a abrir e a fechar as mãos. — Estava combinado ele juntar-se a nós hoje mesmo, em Dublin. Hoje. Só ficou em Nova Iorque durante a semana passada para terminar uns negócios. Vinha hoje, depois de uma paragem em Londres a noite passada.

— Portanto, só o esperava hoje.

— Exato. Ontem à noite não telefonou, devia ter telefonado de Londres, mas às vezes está demasiado ocupado. — Abriu a carteira, voltou a fechá-la, repetindo o movimento vezes sem conta. — Não achei estranho. Não achei estranho — repetiu ela, cerrando a mão sobre a cruz até as pontas arredondadas se lhe cravarem na palma.

— Portanto, não tentou contactá-lo?

— Fui com as crianças jantar fora a um centro de entretenimento. Chegámos tarde a casa e a Maize estava a fazer birra. Deitei-a e fui dormir. Limitei-me a ir dormir porque estava cansada e nem pensei que o Tommy não tinha telefonado de Londres.

Eve deixou-a espairecer, depois sentou-se à frente dela numa das cadeiras forradas a tecido castanho e suave do Dr. Morris.

— Sra. Brennen, consegue falar-me dos negócios que retiveram o seu marido em Nova Iorque?

— Eu não... Eu não sei muito sobre isso. Não percebo nada disso. A minha profissão é ser mãe. Tenho filhos para criar, três casas para gerir. Temos outra casa no campo. No Oeste da Irlanda. Não compreendo o mundo dos negócios. Porque o deveria fazer? — exigiu ela, numa voz a ceder.

— Está bem. Consegue dizer-me se o seu marido mencionou alguém que o preocupava? Alguém que o tivesse ameaçado ou incomodado?

— O Tommy não tem inimigos. Toda a gente gosta dele. É um homem justo, bondoso. Basta-lhe perguntar a alguém que o conheça. — Os olhos dela, de um azul-pálido, voltaram a concentrar-se no rosto de Eve e inclinou-se para a frente. — Está a ver, por isso é que devem ter-se enganado. Devem ter cometido um erro. Ninguém faria mal ao Tommy. E as Luxury Towers são muito seguras. Por isso é que as escolhemos para a nossa casa em Nova Iorque. Há tanto crime na cidade e o Tommy queria que eu e as crianças estivéssemos seguras.

— Conheceu o seu marido na Irlanda?  
 Eileen piscou os olhos, distraída.  
 — Sim, há mais de doze anos. Em Dublin.  
 — Ele ainda tinha amigos dessa altura, parceiros de negócios?  
 — Eu... Ele tem tantos amigos. Eu... — passou uma mão sobre os olhos. — Havia sempre alguém que o cumprimentava quando saíamos. E, por vezes, ia a um pequeno pub quando estávamos em Dublin. Não gosto muito de pubs, portanto não ia muitas vezes. Mas às vezes apetecia-lhe e ia lá passar um serão.  
 — Que pub era?  
 — O nome? Acho que se chama o *The Penny Pig*. — De repente, Eileen agarrou no braço de Eve. — Tenho de o ver. Tem de ser.  
 — Está bem. Dê-me só um momento. Volto já. — Eve saiu do gabinete, sacando do comunicador. — Peabody.  
 — Tenente.  
 — *The Penny Pig*. Algum dos pubs da tua lista tem esse nome?  
 — Dê-me um momento... Não, chefe. Não há nenhum com a palavra *Pig*.  
 — Foi apenas um palpite. Continua. Eu mantenho-me em contacto.  
 — Mudou de posição, contactou o Dr. Morris. — Ela precisa de o ver.  
 — Ele já está com o melhor aspeto possível. Vou deixá-las entrar.  
 Eve abriu a porta do gabinete.  
 — Sra. Brennen. Se quiser fazer o favor de me acompanhar.  
 — Vai levar-me até junto dele?  
 — Sim.  
 Tanto para oferecer apoio, como orientação, Eve pegou no cotovelo de Eileen. Os seus passos ecoaram pelo corredor de mosaico branco. Na porta, Eve sentiu a mulher entesar-se e preparar-se. Ouviu-a inspirar e suspirar a respiração.  
 Depois, entraram. Morris tinha feito o que lhe era possível, mas não havia como evitar o trauma. Não havia forma de suavizar a morte.  
 Eileen exalou um soluço entrecortado. Apenas um, depois voltou a inspirar e, suavemente, afastou a mão de Eve, que a apoiava.  
 — É o meu Tommy. Este é o meu marido. — Aproximou-se, chegando-se para perto da figura coberta por um lençol branco, como se dormisse. Eve não disse nada enquanto Eve passava os dedos sobre o rosto do marido. — Como é que posso contar aos nossos bebés, Tommy? O que é que lhes vou dizer?  
 Olhou para Eve e, apesar de ter os olhos marejados, parecia determinada a conter as suas lágrimas.  
 — Quem poderia ter feito algo assim a um homem tão bom?

— O meu trabalho é descobrir. Vou fazer o meu trabalho, Sra. Brennen. Pode estar certa disso.

— Descobrir não vai devolver o Tommy nem a mim nem aos nossos filhos. É demasiado tarde, não é?

A morte, pensou Eve, fazia com tudo fosse demasiado tarde.

— É tudo o que tenho para si, Sra. Brennen.

— Não sei se basta, Tenente Dallas. Não sei se consigo fazer com que baste. — Debruçou-se, beijando suavemente os lábios do marido. — Amei-te sempre, Tommy. Desde o início.

— Acompanhe-me, Sra. Brennen. — Eileen não resistiu quando Eve lhe tomou o braço. — Venha cá para fora. Quem é que posso chamar?

— Eu... A minha amiga Katherine Hastings. Vive... Tem um sítio na Quinta Avenida, uma loja. A *Noticeable Woman*.

— Eu vou ligar-lhe. Vou pedir-lhe que a venha buscar.

— Obrigada. Preciso... de alguém.

— Quer beber um pouco de água? Um café?

— Não, só quero sentar-me. — Só lhe faltou desmanchar-se ao cair na cadeira de costas rígidas da zona de espera. — Só para descansar os pés. Vou ficar bem. — Olhou para cima, com olhos azuis a nadar num rosto branco. — Vou ficar bem. Tenho as crianças, sabe? Tenho de ficar bem.

Eve hesitou, mas acabou por tirar do bolso o saco de provas.

— Sra. Brennen, já tinha visto isto antes?

Eileen concentrou-se no amuleto como se fosse uma obra de arte rara.

— Não. Quer dizer, claro que já vi um trevo irlandês antes, mas não este pequeno botão.

— Trevo irlandês?

— Claro, é o que isto é. Um trevo irlandês.

— E isto? — Eve virou o amuleto.

— Um peixe. — Fechou os olhos. — Um símbolo da Igreja. Pode ligar à Katherine agora, por favor? Não quero ficar aqui.

— Agora mesmo. Sente-se e tente descansar um pouco.

Eve apressou-se a fazer a chamada para Katherine Hastings, oferecendo poucas explicações. Enquanto falava, passava os olhos pela cópia em papel da lista dos pubs. Não havia nenhum chamado *Penny Pig* ou com peixes, igrejas ou trevos no nome. Mas havia três locais com *shamrock*, ou seja, *trevo irlandês*, no nome.

Agarrou no comunicador.

— Peabody, concentra-te em locais com *shamrock* no nome.

— *Shamrock*, Tenente?

— É um palpite. Vá, avança.

...

Eve entrou no Green Shamrock às três da tarde. Tinha perdido a multidão da hora do almoço (se é que tinha existido) e encontrou o pub pequeno e escuso quase deserto. Uns quantos clientes com ar tristonho estavam sentados em bloco em frente de cervejas com espuma espessa numa mesa das traseiras, enquanto jogavam sem convicção uma partida de gin. Apesar de não ver exibida nenhuma licença de jogo, ignorou as pilhas de créditos que se amontoavam ao lado das canecas de cerveja.

Uma jovem de avental branco e faces rosadas assobiava enquanto limpava mesas. Sorriu para Eve e, quando falou, Eve percebeu a adorável melodia da terra natal de Roarke.

— Boa tarde para si, menina. Posso arranjar-lhe uma ementa? Receio que, a esta altura do dia, só tenhamos sandes.

— Não, obrigada. — Não estava ninguém a atender no bar, mas Eve deslizou para um banco antes de sacar do distintivo. Viu os olhos da jovem empregada a ficar muito abertos.

— Não fiz nada. Estou legalizada. Tenho documentos.

— Não sou da Imigração. — Tendo em conta o alívio no rosto da rapariga, Eve imaginou que os documentos ainda não estavam secos e eram, provavelmente, falsos. — Há quartos para alugar nas instalações? Algum dos empregados, ou o dono, vive aqui?

— Sim, senhora. Há três quartos. Um nas traseiras e dois no andar de cima. Eu própria alugo um lá em cima. Cumpre o regulamento.

— Quem mais vive aqui... Como se chama?

— Chamo-me Maureen Mulligan.

— Quem mais vive aqui, Maureen?

— Bem, o Bob McBride vivia até ao mês passado, quando o patrão o despediu por ser preguiçoso. O Bob tinha dificuldades em levantar uma caneca, compreende? A não ser que fosse para a levar aos lábios. — Voltou a sorrir e começou a esfregar o bar com afinco. — E agora temos o Shawn Conroy, que aluga o quarto das traseiras.

— Será que ele está lá agora?

— Há bocadinho fui ver e ele não estava. Já devia ter chegado. O turno dele começou há cerca de meia hora.

— Quer mostrar-me o quarto dele, Maureen?

— Não está metido em sarilhos, pois não? O Shawn bebe um pouco, mas é bom trabalhador e faz o melhor que sabe.

— Quero certificar-me de que não está metido em sarilhos. Pode ligar ao seu patrão, Maureen, e pedir autorização para me abrir a porta do quarto?

Maureen mordeu o lábio, colocando o peso, ora num pé, ora noutro.

— Bem, então teria de dizer que o Shawn ainda não chegou para fazer o turno e então ia ser bonito, não é? Vou mostrar-lhe o quarto se quiser vê-lo. O Shawn não se mete em nada ilegal, Tenente — continuou ela, enquanto mostrava o caminho passando por uma porta ao lado do bar laminado. — O patrão não gosta mesmo nada de ilegalidades e preguiça. Não há muito mais que o faça colocar-nos no olho da rua, mas qualquer uma dessas coisas é o fim da picada.

Destrancou a porta com uma chave antiquada que lhe pendia de uma corrente que trazia à cintura.

O quarto estava quase vazio, tinha apenas um beliche, uma cómoda barata e um espelho estriado. Mas estava surpreendentemente arrumado. Um vislumbre ao armário assegurou Eve de que o ausente Shawn não tinha feito as malas e ido embora.

Aproximou-se da cómoda, abrindo descontraidamente uma gaveta. Shawn tinha um par de cuecas limpas e duas meias que não faziam par.

— Há quantos anos está ele nos Estados Unidos?

— O Shawn? Ora, acho que há uns dois ou três anos, pelo menos. Fala em regressar a Dublin, mas...

— Ele é de lá? — perguntou Eve abruptamente. — É de Dublin?

— Sim, diz que foi nado e criado lá e veio para a América para fazer fortuna. Não que o Shawn já tenha conseguido muito — continuou ela, com um sorriso airoso. Pousou o olhar na garrafa de cerveja vazia que estava na mesa-de-cabeceira. — Deve ser por causa daquilo. Gosta da bebida um pouco mais do que a bebida gosta dele.

— Sim? — Eve também olhou para a garrafa e, depois, fixou o olhar no que estava ao lado. Os seus músculos retesaram-se ao pegar no amuleto esmaltado. — O que é isto, Maureen?

— Não sei. — Maureen inclinou a cabeça e estudou o trevo verde contra o fundo branco. E atrás, o peixe. — Deve ser um amuleto.

— Já o tinha visto?

— Não. Parece novo, não? É tão brilhante. O Shawn deve tê-lo comprado há pouco tempo. Este Shawn anda sempre em busca da sorte.

— Sim... — Eve cerrou o punho em redor do amuleto. Receava que a sorte dele se tivesse acabado.

Preciso que pense, Maureen. Preciso que esteja calma e seja precisa. Aninhada num cadeirão primorosamente remendado, no seu próprio quarto por cima do Green Shamrock, Maureen molhou os lábios.

— Não vou para a cadeia nem vou ser deportada?

— Não está metida em qualquer tipo de sarilhos. Prometo-lhe. — Eve inclinou-se para a frente na sua cadeira. — Dê-me uma ajudinha, Maureen, ajude o Shawn e vou puxar uns cordelinhos e arranjar-lhe documentos a sério. Nunca mais vai ter de se preocupar com a Imigração.

— Não quero que nada aconteça ao Shawn, a sério que não quero. Nunca foi outra coisa senão simpático para mim. — Os olhos dela vogaram para onde Peabody estava, junto à porta. — Sabe, estou um pouco nervosa. Os polícias enervam-me um bocado.

— A Peabody é uma fofa. Não és, Peabody?

— Dócil como um gatinho, Tenente.

— Ajude-nos agora e tente pensar. Quando foi a última vez que viu o Shawn?

— Penso que deve ter sido ontem à noite quando acabei o meu turno. Compreenda, o Shawn normalmente entra por volta do meio-dia. Eu trabalho a partir das onze, que é quando abrimos, até às oito. Tenho duas pausas de meia hora. O Shawn trabalha até às dez e meia na maioria das noites. Depois, volta a entrar à uma e faz o turno depois do fecho...

Fechou-se como uma amêijoia em água do mar.

— Maureen — principiou Eve com uma paciência tensa. — Não me preocupa o negócio depois do fecho. Não me interessa se o bar fica aberto depois do período da licença.

— Bem, de vez em quando ficamos abertos depois da hora de fecho. — Começou a contorcer as mãos. — É certinho que vou ser despedida se o patrão descobrir que disse uma coisa destas a uma polícia.

— Não, se não houver problemas por causa disso. Portanto, viu o Shawn a noite passada, antes de terminar o seu turno às oito.

— Sim, vi. Quando acabei, estava atrás do bar e disse qualquer coisa como: “Maureen, minha querida, não deixes que aquele poldro roube algum dos meus beijos.”

Deparando-se com o sobrolho erguido de Eve, Maureen corou.

— Oh, ele não queria dizer nada com isso, Tenente. Estava só a brin-

car. O Shawn tem quarenta anos, ou mais, e não se passa nada disso entre nós. Tenho uma espécie de namorado. Quer dizer... — Voltou a hesitar, olhando nervosamente para a silenciosa Peabody. — É um homem, um homem jovem, e temos saído ultimamente. Estamos a conhecer-nos e o Shawn sabia que eu tinha um encontro ontem à noite, pelo que estava só a meter-se comigo.

— Está bem, portanto viu o Shawn quando se foi embora, às oito. Depois...

— Oh, espere! — Maureen ergueu repentinamente as mãos. — Voltei a vê-lo. Tinha-me esquecido. Bem, não foi bem “ver”. Ouvi-o quando voltei depois de ter estado com o Mike, o meu jovem, isso é, o jovem com quem tenho andado a sair. Ouvi o Shawn a falar quando entrei, percebe?

Ficou radiante, satisfeita como um cachorro que tivesse cumprido as ordens do dono.

— Com quem estava a falar?

— Não sei. Tenho de passar pelo quarto dele para chegar às escadas que sobem até ao meu. Deve ter sido por volta da meia-noite e o Shawn devia estar na pausa antes do turno depois do fecho. O edifício é velho, compreende, pelo que as paredes e portas não são muito espessas nem têm bom isolamento. Portanto, ouvi o Shawn e outro homem a falar no quarto.

— Ouviu o que disseram?

— Nem por isso. Estava apenas a passar, mas lembro-me de ter ficado contente por o Shawn parecer feliz. Estava a rir-se e disse qualquer coisa sobre ser uma bela ideia e de não faltar, de certeza.

— Tem a certeza que ele estava a falar com um homem?

Maureen cerrou as sobrancelhas.

— Foi mais uma impressão. Não ouvi as palavras do outro, apenas um rumor. Mas profundo, como a voz de um homem. Não ouvi mais do que isso porque vim para aqui preparar-me para me deitar. Mas sei que era o Shawn que estava a falar. Era o riso dele. O Shawn é homem de riso franco.

— Muito bem, quem toma conta das mesas depois do seu turno?

— Oh, é a Sinead. Entra às seis e trabalhamos duas horas juntas, depois ela trata das mesas sozinha até ao fecho. Chama-se Sinead Duggin. Vive apenas a uns quarteirões de distância, na Eighty-third, acho eu. E o barman que faz o turno mais concorrido com o Shawn é um droide. O patrão só usa o droide quando há mais movimento. Têm uma manutenção dispendiosa.

— Está bem, Maureen, reparou em alguém novo no bar a meter conversa com o Shawn na última semana ou duas?



— De vez em quando temos clientes novos e alguns voltam. Alguns falam e outros não. A maioria fala um pouco com o Shawn porque ele é generoso com as bebidas, está a ver? Mas não me lembro de ninguém em especial.

— Está bem, pode voltar ao trabalho. Poderei voltar a ter de falar consigo. Se se lembrar de alguma coisa, seja do que for, ou de alguém, entre em contacto comigo.

— Sim, está bem. Mas o Shawn não pode ter feito nada de realmente errado, Tenente — acrescentou ela, ao levantar-se. — Não é má pessoa, só um pouco tolo.

— Tolo — ponderou Eve, rodando o amuleto nos dedos enquanto Maureen se apressava a sair. — E azarado. Vamos pedir um agente para vigiar o bar só para o caso de nos termos enganado e do Shawn ter estado o dia todo fora a tratar de um esquema ou a fazer amor com uma mulher. Vamos ver se a Sinead Duggin é um pouco mais observadora do que a Maureen.

— O tipo do enigma disse que tinha até amanhã de manhã.

Eve ergueu-se, guardando o amuleto.

— Penso que podemos presumir que ele faz batota.

Sinead Duggin acendeu um cigarro prateado fino, estreitou olhos verdes duros e atirou fumo com cheiro a jasmim para a cara de Eve.

— Não gosto de falar com polícias.

— Não gosto de falar com imbecis — disse Eve, suavemente —, mas passo metade da vida a fazê-lo. Aqui ou na Central de Polícia, Sinead. A escolha é sua.

Sinead encolheu os ombros magros, entreabrindo o robe com padrão de papoilas que tinha vestido. Distraidamente, apertou-o e, virando-se, entrou descalça no seu apartamento de uma divisão atulhado.

Não estava atulhado com mobília. Lá estava a cama retrátil, aberta e por fazer, de onde ela se tinha arrastado quando Eve tinha batido à porta. Duas cadeiras pequenas, duas mesas estreitas. Mas cada superfície, incluindo os parapeitos das janelas, estava cheia de objetos.

Obviamente, Sinead gostava de objetos. Objetos coloridos. Taças e travessas e estátuas de gatinhos e cãesinhos patuscos. Os berloques de dois candeeiros de chão estavam pesados de pó. Havia tapetes de quarto empilhados como puzzles sobre o chão. Sinead sentou-se de pernas cruzadas em cima da cama, ergueu um enorme cinzeiro de vidro, que teria dado uma bela arma de arremesso, e bocejou à vontade.

— Então?

— Procuro o Shawn Conroy. Quando foi a última vez que o viu?

— A noite passada. Faço o turno da noite. — Coçou o interior do pé esquerdo. — Durmo durante o dia.

— Com quem é que ele falou? Viu-o com alguém em especial?

— Apenas os do costume. As pessoas entram em busca de uma garrafa ou de um copo. O Shawn e eu fazemos-lhes a vontade. É um trabalho honesto.

Eve despejou roupa de uma semana de uma cadeira e sentou-se.

— Peabody, abre essas persianas. Vamos fazer entrar luz aqui dentro.

— Oh, meu Deus. — Sinead cobriu os olhos, assobiando quando as persianas correram para cima e o sol entrou de rompante. — Isso mata uma pessoa. — Deixou escapar um longo suspiro. — Ouça, agente, o Shawn é sem sombra de dúvida um bêbedo. Mas se isso for o pior que se diz de alguém, é porque afinal leva uma bela vida.

— O Shawn voltou para o quarto durante a pausa. Quem foi com ele?

— Não vi ninguém. Estava a trabalhar. Meto-me nos meus assuntos. Qual é o seu interesse? — Os olhos dela desanuviaram lentamente, enquanto baixava a mão. — Qual é o seu interesse? — repetiu ela. — Aconteceu alguma coisa ao Shawn?

— É isso que estou a tentar descobrir.

— Bem, posso dizer-lhe que a noite passada ele estava todo satisfeito. Bastante alegre. Disse alguma coisa sobre ter na manga um negócio lá fora. Que vinha aí dinheiro.

— Que tipo de negócio?

— Festas privadas, coisas de classe. O Shawn tinha um fraquinho por coisas de classe. — Sinead apagou o cigarro, depois acendeu imediatamente outro. — Voltou da pausa com o sorriso de um gato com uma taça cheia de canários. Disse que se eu estivesse interessada, dizia uma palavrinha por mim.

— Uma palavrinha onde, a quem?

— Não estava a prestar atenção. O Shawn estava sempre a falar de coisas em grande. Ia estar a tratar do bar, a servir os vinhos mais finos e isso numa festa para um tipo da alta.

— Dê-me um nome, Sinead. Estava a gabar-se, todo convencido. Que nome deixou escapar?

— Bem, que se dane. — Irritada, mas em cheque, Sinead esfregou a testa com os dedos. — Ele disse que era um velho amigo. Uma pessoa de Dublin que tinha singrado. Roarke — disse ela, espetando com o cigarro fumegante. — Claro. Por isso é que pensei que era conversa de chacha do Shawn, como de costume. O que é que um homem como o Roarke queria de alguém como o Shawn?

Eve precisou de muita força de vontade para não saltar da cadeira.

— O Shawn disse que tinha falado com o Roarke?

— Deus meu, não tenho a mente desperta. — Voltou a bocejar quando um autocarro aéreo com um escape defeituoso arrotou do lado de fora da janela. — Não, penso que ele disse...sim, estava a dizer como o Roarke mandou um homem de confiança tratar do negócio. E o pagamento era bom. Ia sair do Shamrock e entrar na alta-roda num instantinho. Dava-me uma boleia, se eu quisesse. Eu e o Shawn, de vez em quando, entendíamos-nos, quando nos dava para isso. Nada sério.

— A que horas fechou o Shamrock? — O olhar de Sinead desvaneceu-se, Eve rangeu os dentes. — Estou-me nas tintas para a licença para depois do fecho. Preciso da última vez que viu o Shawn e onde ele foi.

— Foi por volta das quatro da madrugada de hoje e ele disse que se ia deitar. Ia encontrar-se com o homem em pessoa hoje e precisava de estar apresentável.

— Ele anda a brincar comigo. — Eve bateu com a porta do seu veículo, batendo com punho contra o volante. — É isso que o sacana está a fazer, a brincar comigo. A misturar o nome do Roarke com este assunto. Raios o partam.

Ergueu uma mão antes de Peabody poder falar, depois deixou-se pura e simplesmente ficar a olhar pela janela. Sabia o que tinha a fazer. Não havia escolha para nenhum deles. Pegou na tele-ligação do carro e ligou para casa.

— Residência Roarke — disse Summerset em tons suaves, depois a cara dele tornou-se pétrea. — Tenente.

— Chama-o — exigiu ela.

— De momento o Roarke está a tomar parte noutra chamada.

— Chama-o, seu magricela, filho da mãe, cara de rã. Agora.

O ecrã passou para o azul-pálido do modo de espera. Vinte segundos depois, Roarke estava do outro lado.

— Eve. — Apesar de ter os lábios curvados, o sorriso não lhe chegava aos olhos. — Há algum problema?

— Conheces um Shawn Conroy? — Ela percebeu a resposta no rosto dele, apenas um relampejo naqueles olhos azuis-escuros.

— Conhecia, há muitos anos, em Dublin. Porquê?

— Alguma vez tiveste contacto com ele aqui em Nova Iorque?

— Não. Não o vejo nem falo com ele há cerca de oito anos.

Eve inspirou para se acalmar.

— Diz-me que não és dono de um bar chamado o Green Shamrock.

— Está bem. Não sou dono de um bar chamado o Green Shamrock.

— Agora estava a sorrir. — Por favor, Eve, eu seria dono de uma coisa tão cliché?

O alvío tirou-se o peso do estômago.  
— Acho que não. Alguma vez lá estiveste?  
— Não que me recorde.  
— Estás a planear dar alguma festa?  
Ele inclinou a cabeça.  
— Não de momento. Eve, o Shawn está morto?  
— Não sei. Preciso de uma lista das tuas propriedades em Nova Iorque.  
Ele piscou os olhos.  
— Todas?  
— Merda. — Ela beliscou o nariz, esforçando-se para pensar com clareza. — Começa pelas residências privadas, de momento desocupadas.  
— Isso deve ser bastante simples. Cinco minutos — prometeu Roarke, terminando a transmissão.  
— Porquê residências privadas? — quis saber Peabody.  
— Porque ele quer que eu a encontre. Ele quer-me lá. Desta vez ele agiu rapidamente. Porquê ter trabalho com imensa segurança, câmaras, pessoas? Arranja-se uma casa privada, vazia. Entra-se, faz-se o que se tem a fazer, sai-se.  
Estava a abrir a sua tele-ligação para transmitir, quando esta emitiu um apito.  
— De momento só há três desocupadas — disse-lhe Roarke. — A primeira fica em Greenpeace Park Drive. Número oitenta e dois. Encontramo-nos lá.  
— Fica onde estás.  
— Encontramo-nos lá — repetiu ele, terminando a transmissão.  
Eve nem se preocupou em dizer palavrões, mas afastou o carro do lancil. Conseguiu batê-lo por trinta segundos, o que não chegava para que conseguisse contornar as fechaduras com o seu código mestre.  
O longo casaco preto que ele tinha vestido fluía como água contra a força do vento, estalando como um chicote. Roarke pousou uma mão no ombro dela e, apesar da cara feia, beijou-a ao de leve.  
— Tenho o código — disse ele, inserindo-o.  
A casa era alta e estreita de modo a encaixar-se no lote comprimido. O teto perdia-se nas alturas. As janelas estavam tratadas para assegurar a privacidade e bloquear os raios UV. De momento, estavam cobertas por barras de segurança, fazendo a luz do sol lançar glóbulos de luz sobre o chão de mosaico polido.  
Eve sacou da arma, indicando a Peabody sem falar para seguir pela esquerda.

— Tu ficas comigo — disse ela a Roarke, iniciando o curso sinuoso da escadaria. — Vamos falar sobre isto mais tarde.

— Claro que vamos. — Ele não iria mencionar, nem agora, nem depois, a arma automática de nove milímetros ilegal que tinha no bolso. Para quê perturbar a mulher que amamos com pormenores?

No entanto, manteve uma mão naquele bolso, firme sobre a coronha, enquanto a observava a fazer uma busca em cada divisão, observava aqueles olhos frios a perscrutar todos os cantos.

— Porque é que uma casa assim está vazia? — quis ela saber depois de se ter assegurado de que estava, de facto, vazia.

— Para a semana já não vai estar. Vamos mobilá-la e alugá-la, para já a empresas de fora do planeta que não gostam de enviar os executivos de topo para hotéis. Vamos fornecer o pessoal, droide ou humano.

— Que classe.

— Tentamos agradar. — Sorriu para Peabody enquanto desciam as escadas. — Tudo limpo, agente?

— Não há aqui nada a não ser um par de aranhas sortudas.

— Aranhas? — Erguendo uma sobrancelha, Roarke sacou da agenda e anotou que tinha de contactar o exterminador.

— Onde fica a próxima casa? — perguntou Eve.

— A apenas uns quarteirões. Eu mostro-vos o caminho.

— Podias dar-me o código e ir para casa.

Roarke passou uma mão pelo cabelo enquanto saíam para a rua.

— Não podia nada.

A segunda casa era recuada em relação à rua, aninhada por trás de árvores agora desprovidas de folhas. Apesar de, de ambos os lados, haver casas, os residentes tinham sacrificado os quintais para obter privacidade. As árvores e arbustos compunham uma cerca alta entre edifícios.

Eve sentiu o sangue começar a agitar-se. Aqui, pensou ela, nesta zona sossegada e abastada, onde as casas tinham isolamento sonoro e estavam protegidas de olhares curiosos, o homicídio seria um assunto privado.

— Ele iria gostar desta — disse ela em surdina. — Iria convir-lhe. Descodifica-a — disse ela a Roarke, fazendo depois sinal a Peabody para se mover para a direita.

Eve posicionou-se em frente de Roarke, abrindo a porta ela própria. Foi quanto bastou.

Sentiu o cheiro a morte fresca.

A sorte de Shawn Conroy tinha-se esgotado num salão belissimamente executado, mesmo à saída de uma entrada pequena e elegante. O seu sangue manchava as rosas silvestres que preenchiam o tapete antigo. Tinha

os braços esticados como que numa súplica. As palmas da mão tinham sido pregadas ao chão.

— Não toques em nada. — Eve agarrou no braço de Roarke antes que ele pudesse entrar. — Não vais entrar. Vais contaminar o local. Dá-me a tua palavra de que não vais entrar ou tranco-te do lado de fora. Eu e a Peabody temos de verificar o resto da casa.

— Não vou entrar. — Virou a cabeça, olhos quentes com emoções que ela não conseguia nomear. — Ele já não vai cá estar.

— Eu sei. Verificamos a casa na mesma. Peabody, fica com as traseiras. Eu vejo lá em cima.

Não havia nada nem ninguém, como ela esperava. Para dar a si própria um momento a sós com Roarke, mandou Peabody à unidade buscar o seu kit de campo.

— Ele quer que seja pessoal — principiou ela.

— É pessoal. Cresci com o Shawn. Conhecia a família dele. Eu e o irmão mais novo dele éramos da mesma idade. Perseguimos algumas das mesmas raparigas nas ruas de Dublin e fizemo-las suspirar em becos escuros. Ele era um amigo. Já lá vai uma vida, mas era um amigo.

— Lamento. Cheguei demasiado tarde.

Roarke limitou-se a abanar a cabeça e fitou arduamente o homem que outrora tinha sido um rapaz amigo dele. Outro menino perdido, pensou ele. Eve virou costas, pegando no seu comunicador.

— Tenho um homicídio — disse.

Quando as mãos e botas dela acabaram de ser protegidas, ajoelhou-se no sangue. Percebeu que a morte tinha chegado a Shawn Conroy de modo lento, obscuro. Os seus pulsos e garganta tinham sido cortados, mas não com demasiada profundidade, de modo a que o sangue não jorrasse em jatos para o matar rapidamente. Tinha sangrado lentamente, ao longo de horas.

Tinha sido cortado, com precisão, quase cirurgicamente, do esterno até à virilha, mais uma vez para que a dor fosse hedionda e o sangramento fosse lento. O olho direito tinha desaparecido. Tal como a sua língua.

O termómetro indicava-lhe que estava morto há menos de duas horas.

Sem dúvida que ele tinha morrido a tentar gritar.

Eve afastou-se enquanto tiravam as fotografias e filmavam o corpo. Virando-se, pegou nas calças que tinham sido jogadas para o lado. Tinham-lhe sido cortadas, reparou ela, mas a carteira permanecia no bolso de trás.

— A vítima foi identificada como Shawn Conroy, cidadão irlandês, quarenta e um anos de idade, residente no 783 West Seventy-Ninth. O con-

teúdo da carteira consiste na autorização de residência e licença de trabalho da vítima, doze dólares em créditos, três fotografias.

Verificou o outro bolso, encontrou cartões de entrada, créditos soltos na quantia de três dólares e vinte e cinco centavos, um pedaço de papel rasgado com a morada da casa onde tinha morrido. E um amuleto esmaltado com um trevo verde-vivo de um lado e um desenho de um peixe no outro.

— Tenente? — o médico da equipa de campo aproximou-se. — Já terminou de analisar o corpo?

— Sim, ensaque-o. Diga ao Dr. Morris que preciso da atenção pessoal dele neste caso. — Enfiou a carteira e o conteúdo do bolso num saco de provas enquanto olhava para Roarke. Não tinha dito nada, o seu rosto não revelava nada, nem sequer a ela.

Automaticamente, agarrou no solvente para remover o sangue e vedante das mãos, indo depois ter com ele.

— Já tinhas visto alguma coisa assim?

Ele olhou para o saco com os objetos de Shawn e viu o amuleto.

— Não.

Eve deitou um último olhar avaliador ao local, à obscenidade no meio da grandiosidade. Estreitou os olhos, arrebiteou a cabeça e fitou pensativamente a estátua pequena e elegante que estava num pedestal com um vaso de flores de seda em tons pastel.

Uma mulher, ponderou ela, esculpida em pedra branca e trajando um vestido comprido e um véu. Não um vestido de noiva, mas algo diferente. Como aquilo parecia simultaneamente fora de contexto e vagamente familiar, apontou.

— O que é aquilo? A estatuazinha ali?

— O quê? — Distraído, Roarke lançou-lhe um olhar. Intrigado, contornou um técnico de campo e ter-lhe-ia pegado se Eve não lhe tivesse arrebicado a mão. — A Senhora. Estranho.

— Qual senhora?

O riso dele foi curto e longe de divertido.

— Desculpa. São termos católicos. A Nossa Senhora, Virgem Maria. Surpreendida, ela fez-lhe uma careta.

— És católico? — Não deveria já saber uma informação dessas?

— Fui, noutra vida — disse ele, distraidamente. — Nunca cheguei a acólito. Não pertence a este lugar — acrescentou. — A minha empresa de decoração não tem o hábito de adicionar estátuas religiosas a unidades para alugar.

Estudou o rosto sereno e adorável, belamente esculpido em mármore branco.

— Ele colocou-a aqui, virou-a deste modo.

Podia ver pela expressão fria nos olhos de Eve que ela já tinha chegado à mesma conclusão.

— O público dele — concordou. — Então, o que estava a fazer? Estava a exhibir-se para ela?

Roarke podia não se considerar católico ou outra coisa qualquer há demasiados anos para que tal fosse importante, mas aquilo enojava-o.

— Eu diria que ele queria que Ela abençoasse o trabalho dele. É mais ou menos a mesma coisa.

Eve já estava a pegar num saco de provas.

— Acho que vi outra igualzinha em casa do Brennen. Na cómoda da mulher, voltada para a cama. Ali não parecia deslocada, portanto não prestei muita atenção. Tinha aquele fio de contas com que se reza, hologramas dos miúdos, uma estátua como esta, uma escova de cabo de prata, um pente, um frasco de perfume de vidro azul.

— E isso é prestar pouca atenção? — murmurou Roarke. A alguns polícias, pensou ele, não escapava mesmo nada.

— Sim, só reparei que lá estava. Não que não devia lá estar. É pesada — comentou, ela enquanto enfiava a estátua no saco. — Parece cara. Fez um esgar perante as marcas na base. — O que é isto, italiano?

— Hum... Feita em Roma.

— Talvez possamos passá-la pelo sistema.

Roarke abanou a cabeça.

— Vais descobrir que milhares destas foram vendidas só no último ano. As lojas perto do Vaticano fazem bom negócio com estas coisas. Eu próprio tenho interesses em algumas.

— Vamos passá-la na mesma. — Pegando no braço dele, conduziu-o para o exterior. Não iria ajudar que ele visse o corpo a ser ensacado e preparado para ser transportado. — Não há nada que possas fazer aqui. Tenho de ir à Central, entregar o relatório, fazer algum trabalho. Estarei em casa dentro de algumas horas.

— Quero falar com a família dele.

— Não posso deixar que faças isso. Ainda não. Ainda não — repetiu ela, quando os olhos dele se estreitaram e gelaram. — Dá-me umas horas. Roarke. Sem poder fazer mais nada, usou a expressão habitual. — Lamento a tua perda.

Roarke surpreendeu-a ao puxá-la com força para junto dele, pressionando o rosto no cabelo dela e deixando-se simplesmente ali ficar. Com estranheza, ela passou as mãos pelas costas dele, dando palmadinhas nos ombros rígidos.

— Pela primeira vez desde que te conheci — murmurou, de modo que ela mal conseguia ouvir —, desejava que não fosses polícia.



Depois, largou-a e afastou-se.

Eve deixou-se ficar à mercê do vento frio, sentindo os primeiros sinais do inverno que estava a chegar e um sentimento de culpa e insuficiência.

Roarke estava trancado no escritório quando ela chegou a casa. Apenas o gato a cumprimentou. Galahad envolveu-se com afeto entre as pernas dela, enquanto se livrava do casaco, prendendo a mala no ombro com mais segurança.

Ainda bem que estava só, decidiu Eve. Ainda tinha trabalho a fazer. Uma vez que era obviamente patética a reconfortar o marido, iria ser política. Nisso, pelo menos, conhecia os cantos à casa.

Galahad acompanhou-a, colando-se às escadas apesar do seu tamanho, enquanto ela se dirigia para o conjunto de divisões onde costumava trabalhar e dormir, por vezes, quando Roarke não se encontrava em casa.

Tirou café do AutoChef e, fosse porque Galahad parecia tão esperançoso, fosse devido ao seu próprio apetite, mandou vir uma sanduíche de atum. Dividiu-a com o gato, que a atacou como se não comesse há um mês, levando depois a sua parte para a secretária.

Estudou a porta que ligava o escritório dela ao de Roarke. Sabia que lhe bastava bater. Em vez disso, sentou-se à secretária.

Não tinha conseguido salvar o amigo dele. Não tinha sido suficientemente rápida ou esperta para evitar a morte. Nem conseguiria manter Roarke afastado da investigação. Havia perguntas que teria de fazer, declarações que teria de recolher.

De manhã, os meios de comunicação já saberiam. Agora já não havia forma de os impedir. Já tinha decidido ligar a Nadine Furst, o seu contacto no Channel 75. Com a Nadine, teria uma cobertura justa. Apesar de Nadine ser irritantemente persistente, era, sem sombra de dúvida, rigorosa.

Eve olhou para a tele-ligação. Tinha feito McNab programar a tele-ligação do seu gabinete de modo a desviar as transmissões para a sua unidade doméstica durante a noite. Queria que o sacana telefonasse.

Quanto tempo esperaria ele? E quando estaria pronto para jogar o próximo nível?

Bebeu café, ordenando à sua mente que desanuviasse. Volta ao início, disse para si mesma. Lembra-te do primeiro nível.

Colocou uma cópia da chamada inicial na máquina dela, ouvindo-a duas vezes. Tinha apanhado o ritmo dele, o tom, o humor. Era arrogante, vaidoso, esperto, sim, era esperto e dotado. Estava numa missão sagrada.

Mas a arrogância era o seu ponto fraco. A arrogância, ponderou ela, e a fé enviesada.

Tinha de aproveitar esse ponto fraco.

Vingança, dissera ele. Olho por olho. A vingança era sempre pessoal. Ambos os mortos tinham uma ligação a Roarke. Portanto, logicamente, também o assassino. Talvez uma velha *vendetta*.

Sim, tinha bastante a discutir com Roarke. Ele podia ser um alvo. Esse pensamento gelou-lhe o sangue, descompassou-lhe o coração, congelou-lhe o cérebro.

Pô-lo de lado. Não podia dar-se ao luxo de pensar como uma mulher, como uma amante. Mais do que nunca, precisava de ser apenas e só uma polícia.

Deu a Galahad quase metade da sanduíche quando o gato veio mendigar, depois pegou nas cópias do disco de segurança das Luxury Towers.

Passo a passo, ordenou a si mesma. Cada disco, cada área, sem importar quanto tempo iria demorar. De manhã, o Roarke também os visionaria. Podia reconhecer alguém.

Derrubou a chávena de café quando ela própria reconheceu uma pessoa.

— Para — ordenou ela. — Voltar a reproduzir desde zero-zero-cinco-seis. Meu Deus. Parar, aumentar a secção quinze a vinte e dois em trinta por cento, passar para câmara lenta.

Limitou-se a fitar enquanto a figura de aprumado fato preto e gabardine a esvoaçar ficava maior. Estava a atravessar a entrada sumptuosa do complexo de apartamentos. Verificou o relógio dispendioso que tinha no pulso. Ajeitou o cabelo.

Eve observou Summerset a entrar no elevador e a subir.

— Parar ecrã!

As horas na base indicavam meio-dia do dia do homicídio de Thomas X. Brennen.

Passou o disco da entrada, acelerando pelas horas. Mas não o viu a sair.

---

---

CAPÍTULO CINCO

---

---

Nem se incomodou em bater. Abriu a porta de rompante. Tinha o sangue a ferver, a mente fria.

Roarke conseguiu detetar o calor do sangue e a frieza da mente nos olhos dela. Deliberadamente e sem pressa, passou o computador para o modo de espera, fechando o seu trabalho.

— Estás outra vez a exagerar — disse ele simplesmente, permanecendo sentado enquanto ela avançava como um segurança sobre ele. — A fadiga rouba-te sempre a cor do rosto. Não gosto de te ver pálida.

— Não me sinto pálida. — Não estava certa do que sentia. Só podia ter a certeza de que o homem que ela amava, em quem se tinha ensinado a si própria a confiar, sabia alguma coisa e não lhe estava a contar. — Disseste que não tinhas tido nenhum contacto com o Brennen ou com o Conroy. Nenhum contacto, Roarke? Nem sequer através de terceiros?

Ele inclinou a cabeça. Este não era o rumo que tinha esperado para a conversa.

— Não, não tive. O Tommy, porque ele preferiu cortar laços, e o Shawn, porque... — Olhou para as mãos, abrindo e fechando os dedos. — Não me dei ao trabalho de me manter em contacto. Lamento.

— Olha para mim — exigiu ela, a voz aguda e expectante. — Olha-me nos olhos, raios. — Ele assim fez, erguendo-se de modo a que os seus olhares estivessem quase nivelados. — Acredito em ti. — Ela afastou-se dele enquanto o dizia. — Não sei se é porque é a verdade ou porque preciso que o seja.

Roarke sentiu a picada da desconfiança dela no coração.

— Nisso, não te posso ajudar. Preferirias fazer isto na sala de interrogatórios?

— Preferiria não o fazer de todo. E não te ponhas com ares comigo, Roarke. Nem vás por aí.

Ele abriu a caixa japonesa que tinha na secretária, seleccionando cuidadosamente um cigarro.

— É mais “não te dês a ares”, Tenente.

Ela cerrou os punhos, rezando para ter controlo e afastou-se.

— O que estava o Summerset a fazer nas Luxury Towers no dia do homicídio do Thomas Brennen?

Talvez pela primeira vez desde que o tinha conhecido, viu Roarke

ficar sem piu. A mão que tinha acabado de acender um isqueiro de prata deteve-se no ar. Os seus olhos azuis que até ali tinham mostrado um leve indício de irritação ficaram em branco. Abanou a cabeça uma vez, como que para aclarar ideias, pousando então, cuidadosamente, o isqueiro e o cigarro por acender.

— O quê? — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Não sabias. — Sentiu os músculos a descontraírem. Sabia que nem sempre era possível lê-lo. Roarke era demasiado controlado, demasiado esperto, demasiado competente. Mas não havia como confundir o simples choque que ele tinha estampado no rosto. — Não estavas preparado para isso. Não fazias a mínima ideia. Sentiu os músculos a descontraírem. Aproximou-se. — Estavas preparado para o quê? O que esperavas que te perguntasse?

— Vamos cingir-nos à pergunta inicial. — Exteriormente, a recuperação foi suave e rápida. No entanto, sentia nós apertados no estômago. — Acreditas que o Summerset visitou o Tommy no dia do homicídio. Isso é pura e simplesmente impossível.

— Porquê?

— Porque ele ter-me-ia dito.

— Ele conta-te tudo, é? — Eve enfiou as mãos nos bolsos, dando uma volta rápida e impaciente pela divisão. — Quão bem conhecia ele o Brennen?

— Muito mal. Por que razão achas que ele foi lá naquele dia?

— Porque tenho os discos de segurança. — Parou nesse momento, encarando-o, com a secretária de premeio. — Tenho o Summerset na entrada das Luxury Towers ao meio-dia. Tenho-o a entrar num elevador. Não o tenho a voltar a sair. O patologista calcula a hora da morte do Brennen às dezasseis e cinquenta. Mas o ferimento inicial, a amputação da mão, estima-se que tenha ocorrido entre as doze e quinze e as doze e trinta.

Porque precisava de fazer algo com as mãos, Roarke passou para o outro lado, servindo-se de um brandy. Ficou parado por um momento, agitando-o.

— Ele irrita-te, Eve. Podes até considerá-lo... desagradável. — Limitou-se a arquear as sobrancelhas quando Eve resfolegou. — Mas não podes acreditar que o Summerset seja capaz de homicídio, de passar uma série de horas a torturar outro ser humano. — Roarke elevou o copo, bebericando. — Posso dizer-te, sem sombra de dúvida, que ele não é capaz disso e que nunca foi.

Não era possível convencê-la através dos sentimentos.

— Então, onde estava o teu homem, Roarke, das doze às dezassete no dia em questão?

— Mais vale perguntares-lhe diretamente. — Esticou-se, pressionando um botão num monitor sem olhar para ele. — Summerset, podes vir ao meu escritório, por favor? A minha mulher tem uma pergunta para te fazer.

— Muito bem.

— Conheço o homem desde que era miúdo — disse Roarke a Eve. — Já te contei a maior parte do que se passou, entreguei-te essa história em confiança. Agora entrego-to também em confiança.

Ela sentiu um punho a apertar-se em redor do coração.

— Não posso deixar que a questão seja pessoal. Não me podes pedir isso.

— Mas não pode ser outra coisa qualquer. Porque é exatamente isso: pessoal — continuou ele, dirigindo-se para ela. — Íntimo. — Apenas com as pontas dos dedos, afagou o rosto dela. — Meu.

Deixou cair a mão quando a porta se abriu.

Summerset entrou. O cabelo prateado estava perfeitamente penteado, o fato preto impiedosamente passado, os sapatos brilhavam com o lustro espelhado.

— Tenente — disse ele, como se a palavra fosse ligeiramente indecorosa. — Posso ajudá-la?

— Porque foi às Luxury Towers ontem ao meio-dia?

Ele fitou-a, trespassando-a, e a boca dele afinou-se numa linha fina como uma lâmina.

— Não é mesmo da sua conta.

— Errado, é da minha conta. Porque que foi visitar o Thomas Brennen?

— O Thomas Brennen? Não vejo o Thomas Brennen desde que deixámos a Irlanda.

— Então, o que estava a fazer nas Luxury Towers?

— Não estou a compreender o que tem uma coisa a ver com a outra. O meu tempo livre é... — Parou de falar e os olhos, fixos em Roarke, abriram-se de espanto. — Era aí que... O Tommy vivia nas Luxury Towers?

— Está a falar comigo. — Eve interpôs-se entre eles para que Summerset se concentrasse no seu rosto. — Vou voltar a perguntar-lhe. O que estava a fazer nas Luxury Towers, ontem ao meio-dia?

— Tenho uma pessoa conhecida que vive lá. Tínhamos um compromisso, um almoço e uma matiné.

— Está bem. — Aliviada, Eve sacou do gravador. — Dê-me o nome dela.

— Audrey, Audrey Morrell.

— Número do apartamento?

— Mil duzentos e dezoito.

— E a Sra. Morrell vai confirmar que se encontraram ao meio-dia e passaram o dia juntos?

O seu rosto já pálido estava lentamente a embranquecer.

— Não.

— Não? — Eve olhou para cima e não disse nada quando Roarke levou um copo de brandy a Summerset.

— A Audrey... A Sra. Morrell não estava em casa quando cheguei. Esperei um pouco, depois apercebi-me de que ela... Deve ter surgido algum imprevisto.

— Quanto tempo esperou?

— Uns trinta ou quarenta minutos. — Alguma cor aparecia-lhe agora nas faces, como sinal de vergonha. — Depois, fui-me embora.

— Pela entrada.

— Claro.

— Não aparece a sair nos discos de segurança. Talvez tenha saído por outro lado.

— Decerto que não.

Eve mordeu a língua. Tinha-lhe atirado uma corda para se salvar, pensou ela, e ele não a tinha agarrado.

— Está bem, mantenha-se fiel a essa história. O que fez depois?

— Decidi que já não ia à matiné. Fui ao parque.

— Ao parque. Excelente — ela reclinou-se na secretária de Roarke.

— A que parque?

— Ao Central Park. Havia uma exposição de arte ao ar livre. Estive lá durante um bocado.

— Estava a chover.

— Havia cúpulas para o mau tempo.

— Como é que foi do complexo de apartamentos até ao parque? Que tipo de transporte utilizou?

— Fui a pé.

A cabeça dela começou a latejar.

— À chuva?

— Sim — disse ele, rigidamente, bebericando o seu brandy.

— Falou com alguém, encontrou algum conhecido?

— Não.

— Merda. — Sussurrou a palavra, depois esfregou as têmporas com um ar ausente. — Onde estava à meia-noite da noite passada?

— Eve...

Interrompeu Roarke com um olhar.

— É isto o que faço. O que tenho de fazer. Esteve no Green Shamrock na noite passada, à meia-noite?

— Estava na cama a ler.  
— Qual era o seu relacionamento com Shawn Conroy?  
Summerset pousou o brandy, fitando Roarke sobre o ombro de Eve.  
— O Shawn Conroy era um rapaz de Dublin, há muitos anos. Então, está morto?  
— Alguém que alegava representar o Roarke atraiu-o para uma das unidades para arrendamento propriedade do Roarke, pregou-o ao chão e abriu-lhe buracos. Deixou-o sangrar até à morte. — Eve reparou no choque no rosto dele. Ainda bem, queria que ele ficasse chocado. — Vai ter de me dar um álibi sólido, algo que eu possa confirmar, ou vou ter que o deter para um interrogatório formal.  
— Não tenho qualquer álibi.  
— Arranje — sugeriu ela. — Antes das oito da manhã. É a essa hora que o quero na Central de Polícia.  
Os olhos dele mostraram-se frios e amargos quando se encontraram com os de Eve.  
— Vai ter prazer em interrogar-me, não vai, Tenente?  
— Detê-lo como suspeito por dois homicídios com tortura é mesmo a oportunidade por que tenho andado à espera. O facto de os meios de comunicação irem agitar ao vento a notícia da sua ligação ao Roarke por volta do meio-dia é apenas um pequeno inconveniente. — Enojada, avançou rapidamente para a porta que ligava o escritório dela ao de Roarke.  
— Eve. — A voz de Roarke soou calma. — Preciso de falar contigo.  
— Agora não — foi tudo o que ela disse, enquanto fechava a porta entre os dois. Roarke ouviu o barulho enfurecido das fechaduras a serem ativadas.  
— Já decidi que eu sou culpado. — Summerset estava agora a beber brandy, com sofreguidão.  
— Não. — Enquanto o arrependimento se digladiava com a irritação, Roarke estudava o painel que o isolava da sua mulher. — Decidiu que não tem outra hipótese senão recolher os factos. — Fixou o olhar em Summerset. — Ela vai precisar de saber todos os factos.  
— Só vai piorar a situação.  
— Ela tem o direito de saber.  
Summerset pousou o cálice e a sua voz tornou-se tão rígida como a sua coluna.  
— Vejo em quem depositas a tua lealdade, Roarke.  
— Vês mesmo? — murmurou Roarke, enquanto Summerset o deixava sozinho. — Será que vês mesmo?

Eve dormiu na suite do gabinete. Dormiu mal. Não se importava que estar a

evitar deliberadamente Roarke fosse mesquinho. Precisava dessa distância. Bem antes das oito estava na Central de Polícia. Depois de brincar com um bagel com a consistência de cartão e com um café que parecia água de esgoto, enviou uma transmissão para Peabody com ordens para se apresentar na Sala de Interrogatórios C.

Expedita quanto um guarda palaciano, Peabody já estava na pequena sala com azulejos e parede de espelho a verificar o equipamento de gravação quando Eve entrou.

— Temos um suspeito?

— Sim, temos. — Eve encheu ela própria um jarro no destilador de água. — Vamos tentar manter as coisas sossegadas até o interrogatório ter terminado.

— Claro, mas quem... — Peabody desconcentrou-se quando um polícia fardado trouxe Summerset e Roarke até à porta. Os olhos dela pousaram rapidamente nos de Eve, arregalando-se. — Oh.

— Obrigado. — Eve assentiu para o agente fardado. — Está dispensado. Roarke, podes esperar lá fora, ou no meu gabinete.

— O Summerset tem direito a representação.

— Não és advogado.

— Não é obrigatório que o representante dele o seja.

Ela teve de fazer um esforço consciente para parar de cerrar os dentes.

— Estás a piorar as coisas.

— Talvez. — Sentou-se, dobrando as mãos na mesa marcada, uma presença elegante numa sala pouco amigável.

Eve virou-se para Summerset.

— Precisa dum advogado — disse, espaçando as suas palavras cuidadosamente. — Não dum amigo.

— Gosto quase tão pouco de advogados como gosto de polícias. — Também se sentou, os dedos ossudos a beliscar os joelhos das calças para preservar as pregas afiadas como facas.

Eve enfiou as mãos nos bolsos antes que começasse a arrancar o próprio cabelo.

— Vigia a porta, Peabody. Gravador, ligar. — Inspirando profundamente, começou. — Interrogatório de Summerset... Por favor, enuncie o seu nome completo para o registo.

— Lawrence Charles Summerset.

— Interrogatório de Summerset, Lawrence Charles, no que diz respeito ao caso número 44591-H, Thomas X. Brennen, e ao caso número 44599-H, Shawn Conroy. Homicídios. A data é dezassete de Novembro de dois mil e cinquenta e oito, são oito e três da manhã. Estão presentes o in-



terrogado; o representante da sua escolha, Roarke; Agente Peabody Delia; e Tenente Eve Dallas, que conduz o interrogatório. O sujeito apresentou-se voluntariamente para interrogatório.

Ainda de pé, recitou os direitos de Miranda revistos.

— Compreende os seus direitos e obrigações, Summerset?

— Perfeitamente.

— Neste ponto, prescinde de representação legal?

— Correto.

— Qual era o seu relacionamento com Thomas Brennen e Shawn Conroy?

Summerset piscou os olhos uma vez, surpreendido por ela ter logo atirado a matar.

— Conhecia-os, casualmente, quando vivia em Dublin.

— Quando foi isso?

— Há mais de doze anos.

— Quando foi a última vez que viu ou falou com Brennen?

— Não posso dizer com precisão, mas pelo menos há doze anos.

— No entanto, estive nas Luxury Towers há alguns dias, no dia do homicídio de Brennen.

— Coincidência — declarou Summerset, levantando rápida e beligerantemente o seu ombro. — Não tinha conhecimento de que ele residia ali.

— O que estava lá a fazer?

— Já lhe contei isso.

— Diga-me outra vez. Para ficar registado.

Exalando, serviu a si mesmo água do jarro para um copo, com mão firme. Em tons neutros, repetiu todo o que tinha contado a Eve na noite anterior.

— A Sra. Morrell vai confirmar que tinha um encontro com ela?

— Não tenho motivos para crer que não o fará.

— Talvez consiga explicar-me por que razão as câmaras de segurança o apanharam ao entrar, a dirigir-se para os elevadores, e, no entanto, não há qualquer registo visual do senhor a sair do edifício pelo mesmo caminho à hora em que alega ter saído. Ou, na realidade, a qualquer outra hora desse dia.

— Não posso explicá-lo. — Dobrou novamente as mãos perfeitamente arranjadas e fitou-a de cima a baixo. — Talvez não tenha verificado com suficiente atenção.

Eve tinha visto a cassete seis vezes ao longo da noite. Puxou uma cadeira e sentou-se.

— Quantas vezes visitou as Luxury Towers?

— Foi a minha primeira visita.

— A sua primeira — disse ela, assentindo. — Não tinha tido oportunidade de visitar o Brennen anteriormente, naquele local?

— Não tinha tido oportunidade de visitar o Brennen naquele lugar em que altura fosse, já que desconhecia que ele lá morava.

Ele respondia bem, pensou ela, cuidadosamente, como um homem que já antes tinha serpenteado por um interrogatório. Lançou um olhar a Roarke, que estava sentado em silêncio. Imaginou que o cadastro oficial de Summerset estaria tão limpo quanto o de um bebé. Roarke ter-se-ia certificado disso.

— Porque sairia por uma saída sem segurança no dia da morte dele?

— Não saí por uma saída sem segurança. Saí por onde entrei.

— O disco demonstra o contrário. Mostra-o claramente a entrar. Não há registo de si a sair do elevador no andar em que alega que a Sra. Morrell vive.

Summerset agitou uma das suas mãos magras.

— Isso é ridículo.

— Peabody, por favor, liga e mostra o disco de provas um-BH, secção doze, para que o sujeito o examine.

— Sim, chefe. — Peabody enfiou o disco numa ranhura de reprodução. O monitor na parede ligou-se.

— Repare na hora no canto inferior direito da gravação — continuou Eve, enquanto observava Summerset a entrar e a atravessar a entrada atrante das Luxury Towers. — Parar disco — ordenou, quando as portas do elevador se fecharam atrás dele. — Continuar a passar, secção vinte e dois. Repare na hora que aparece — repetiu — e na etiqueta de segurança que identifica esta zona como o décimo-segundo andar das Luxury Towers. É esse o andar em questão?

— Sim. — Summerset franziu as sobrancelhas ao observar a gravação. As portas do elevador não se abriam, ele não saía. Uma linha fria de suor escorreu-lhe pelas costas à medida que o tempo passava. — Adulterou o disco para me implicar!

Filho da puta insultuoso.

— Oh, claro. A Peabody pode dizer-lhe que passo metade do tempo de um caso a alterar as provas para servirem os meus objetivos. — Com o ânimo a exaltar-se, Eve voltou a levantar-se, encostando-se à mesa. — O problema com essa teoria, amigo, é que este é o original, acabadinho de sair da sala de segurança. Trabalhei com uma cópia. Nem cheguei a tocar no original. A Peabody recolheu os discos de segurança.

— Ela é polícia. — Summerset falou com desprezo. — Faria o que lhe ordenasse.

— Portanto, agora é uma conspiração. Peabody, ouviste? Tu e eu adulterámos as provas só para dificultar a vida ao Summerset.

— O que mais lhe agradaria era colocar-me numa cela.

— Neste momento em particular, não poderia ter mais razão. — Voltou-se de costas, até estar certa de que o seu ânimo cada vez mais exaltado não iria controlar a sua mente. — Peabody, desliga o disco. Conhecia o Thomas Brennen em Dublin. Qual era a vossa relação?

— Era simplesmente um de muitos jovens que eu conhecia.

— E o Shawn Conroy?

— Mais uma vez, um de muitos jovens que eu conhecia em Dublin.

— Quando foi a última vez que estive no Green Shamrock?

— Nunca, que eu tenha conhecimento, frequentei esse estabelecimento.

— Presumo que não estava ciente de que Shawn Conroy trabalhava lá.

— Não estava. Não estava ciente de que o Shawn tinha deixado a Irlanda.

Eve prendeu os polegares nos bolsos, esperando um momento.

— Naturalmente, não vê nem fala com o Shawn Conroy há doze anos.

— Correto, Tenente.

— Conhecia ambas as vítimas, estive no local do primeiro homicídio no dia da morte de Brennen, ainda não apresentou um álibi que possa ser corroborado para a hora de qualquer um dos homicídios e, no entanto, quer que acredite que não existe qualquer ligação?

Os olhos dele prenderam-se friamente nos dela.

— Não espero que acredite em nada que não queira acreditar.

— Só se está a prejudicar! — Furiosa, arrancou do bolso o amuleto que tinha encontrado na mesa-de-cabeceira de Shawn Conroy e atirou-o para cima da mesa. — Qual é o significado disto?

— Não faço ideia.

— É católico?

— O quê? Não. — O puro espanto substituiu a frieza nos olhos dele. — Unitariano. Moderado.

— Percebe de eletrónica?

— Desculpe?

*Não tinha outra opção* era tudo o que lhe ocorria. Evitava olhar para Roarke.

— Quais são os seus deveres para com o seu empregador?

— São variados.

— Esses deveres variados incluem a oportunidade de enviar e receber transmissões?

— Naturalmente.

— Está ciente de que o seu empregador tem equipamento de comunicação muito sofisticado.

— O melhor equipamento de comunicação deste ou de qualquer outro planeta. — Havia uma ponta de orgulho na sua voz.

— Está muito familiarizado com ele.

— Estou.

— Suficientemente familiarizado e com conhecimentos suficientes para disfarçar ou bloquear a emissão ou recepção de transmissões?

— Claro, eu... — interrompeu-se a si mesmo, cerrando os dentes. — Contudo, não teria motivo para o fazer.

— Gosta de enigmas, Summerset?

— Ocasionalmente.

— Considerar-se-ia um homem paciente?

Ergueu as sobrancelhas.

— Sim.

Ela assentiu e, com o estômago num nó, afastou-se. Aqui estava o pensamento, a preocupação, o desgosto que a tinha mantido acordada a maior parte da noite.

— A sua filha foi assassinada quando era adolescente.

Deixou de ouvir qualquer som por trás dela, nem sequer o som da respiração. Mas, se a dor tivesse peso, o ar estaria pesadíssimo.

— O seu atual patrão foi indiretamente responsável pela morte dela.

— Ele... — Summerset aclarou a garganta. Por debaixo da mesa, as mãos tinham-se-lhe cerrado nos joelhos. — Ele não foi responsável.

— Foi torturada, violada e assassinada para dar uma lição a Roarke, para o magoar. Não foi mais do que um instrumento, não é correto?

Ele não conseguiu falar por um momento, pura e simplesmente não conseguiu fazer passar as palavras pelo desgosto que tinha, tão repentinamente, enterrado as garras na sua garganta.

— Foi assassinada por monstros que odiavam a inocência. — Inspirou uma vez, longa e profundamente. — A senhora, Tenente, deveria compreender estas coisas.

Quando se virou, Eve tinha os olhos vazios. Mas sentia frio, um frio horrível, porque compreendia demasiado bem essas coisas.

— É suficientemente paciente, Summerset, é suficientemente esperto e paciente para ter esperado todos estes anos? Para ter criado uma relação de confiança com o seu empregador para ganhar acesso incondicional aos seus assuntos pessoais e profissionais e, depois, usar traiçoeiramente essa relação de confiança para o tentar implicar num homicídio?

A cadeira de Summerset arrastou-se no linóleo envelhecido quando este se levantou repentinamente e se afastou da mesa.

— Atreve-se a falar de traição. Atreve-se? Acabou trair a memória duma jovem inocente para falar deste assunto imundo! Consegue estar aí a acusar o homem com quem é casada de ser responsável pelos horrores que ela sofreu? Eram crianças. *Crianças*. Passaria de bom grado o resto da minha vida numa cela se ele pudesse ver o que você é na realidade.

— Summerset. — Roarke permaneceu sentado, mas pousou uma mão no braço de Summerset. Tinha os olhos vazios e frios quando estes se encontraram com os de Eve. — Ele precisa de um momento.

— Está bem. Esta entrevista vai ser interrompida neste ponto a pedido do representante do sujeito. Desligar gravador.

— Sente-se — murmurou Roarke, mantendo a mão no braço de Summerset. — Por favor.

— São iguais, não vê? — A voz de Summerset tremeu de emoção enquanto se deixava cair numa cadeira. — Com os distintivos e a intimidação e os corações vazios. Os polícias são todos iguais.

— Isso vamos ver — disse Roarke, observando a sua mulher. — Tenente, gostaria de falar consigo, informalmente e sem a sua ajudante.

— Não o vou permitir — disparou Summerset.

— A escolha é minha. Se nos quer dar licença, Peabody. — Roarke sorriu educadamente, fazendo um gesto na direção da porta.

Eve deixou-se ficar onde estava, mantendo os olhos nos de Roarke.

— Espera lá fora, Peabody. Guarda a porta.

— Sim, chefe.

— Ligar insonorização. — Quando se viu a sós com Roarke e Summerset, Eve manteve os punhos cerrados dentro dos bolsos. — Decidiste contar-me — disse ela friamente. — Achas que não me apercebi que sabias mais do que estavas a dizer? Achas que sou uma idiota chapada?

Roarke apercebeu-se da mágoa por trás da explosão e suprimiu a custo um suspiro.

— Desculpa.

— Está-lhe a pedir desculpa? — ripostou Summerset. — Depois do que ela...

— Cale a boca — ordenou Eve, virando-se para ele com os lábios arreganhados. — Como é que sei que não acertei em cheio? O equipamento para bloquear transmissões, para contornar o CompuGuard, está mesmo ali dentro de casa. Quem sabe dele exceto nós os três? A primeira vítima era um velho amigo do Roarke, a segunda, outro velho amigo, que foi morto numa das propriedades do Roarke. Conhece tudo o que ele possui, tudo o que ele faz e como o faz. Já passaram quase vinte anos, mas isso não é as-

sim tanto tempo para esperar por uma retribuição pela morte da sua filha. Como é que sei que não está disposto a sacrificar tudo para o destruir?

— Porque ele é o que me resta. Porque ele a amava. Porque ele é meu. — Desta vez, quando Summerset pegou no seu copo, a água transbordou para cima da mesa.

— Eve. — Roarke falou suavemente, apesar de sentir o seu coração a ser puxado em direções opostas pelas diferentes lealdades, como mãos furibundas. — Por favor, senta-te e ouve.

— Consigo ouvir muito bem de pé.

— Como queiras. — Com cansaço, Roarke colocou os dedos sobre os olhos. Raramente era fácil lidar com a mulher que o destino lhe reservara. — Eu falei-te da Marlina. Depois de o Summerset me ter acolhido, era como uma irmã para mim. Mas eu não era uma criança — continuou ele, olhando para Summerset com um afeto divertido. — Nem era inocente.

— Espancado quase até à morte — disse para si Summerset.

— Tinha sido descuidado. — Roarke encolheu os ombros. — De qualquer modo, fiquei com eles, trabalhei com eles.

— Em esquemas manhosos — disse Eve, com rispidez. — A roubar carteiras.

— A sobreviver. — Roarke quase voltou a sorrir. — Não vou pedir desculpa por isso. Conte-te que a Marlina... ela ainda era uma criança, no fundo, mas tinha sentimentos por mim dos quais não me tinha apercebido. Uma noite, entrou no meu quarto, cheia de amor e de generosidade. Fui cruel para com ela. Não sabia como lidar com a situação, portanto fui desajeitado e cruel. Pensei que estava a fazer o que estava certo, o que era decente. Não podia tocar nela da forma que ela julgava querer. Ela era tão inocente e tão... doce. Magoei-a e, em vez de voltar para o quarto e de me odiar durante uns tempos, como eu esperava que fizesse, saiu. Uns homens que andavam à minha procura, que eu, na minha arrogância, pensara poder lidar de igual para igual, encontraram-na e levaram-na. — Como uma parte dele ainda estava enlutada e assim ficaria para sempre, parou por um momento. Quando recomeçou, a voz estava mais sossegada, os olhos mais escuros. — Teria trocado a minha vida pela dela. Teria feito qualquer coisa que me tivessem pedido para a poupar a um momento de medo ou de dor. Mas não havia nada a fazer. Nada que me fosse permitido fazer. Atiraram-na à nossa porta depois de terem feito o que lhes apetecia.

— Era tão pequena. — A voz de Summerset mal passava de um susurro. — Parecia uma boneca, toda quebrada e desfeita. Mataram a minha bebé. Esquartejaram-na. — Nesse instante, os seus olhos, brilhantes e amargos, encontraram-se com os de Eve. — Os polícias não fizeram nada. Voltaram as costas. A Marlina era a filha de um indesejável. Disseram que

não havia testemunhas, que não havia provas. Sabiam quem o tinha feito, porque não se falava de outra coisa nas ruas. Mas não fizeram nada.

— Os homens que a tinham matado eram poderosos — continuou Roarke. — Naquela zona de Dublin, os polícias faziam vista grossa e orelhas moucas a certas atividades. Demorei bastante tempo até ganhar poder e capacidade suficientes para os enfrentar. Ainda demorei mais tempo a descobrir os seis homens que tinham participado na morte da Marlena.

— Mas conseguiste encontrá-los e mataste-os. Eu sei disso. — Sabia disse e tinha chegado à conclusão de que era possível viver com isso. — O que tem isto a ver com o Brennen e o Conroy? — O coração dela hesitou por um momento. — Estavam envolvidos na morte da Marlena?

— Não. Mas cada um deles deu-me informações em alturas diferentes. Cada um deles deu-me informações que me ajudaram a encontrar um homem num determinado lugar. Quando encontrei os homens, dois dos homens que tinham violado, torturado e assassinado a Marlena, matei-os. Lenta e dolorosamente. Ao primeiro — disse, de olhos fixos nos de Eve —, esventrei-o.

A cor esvaiu-se do rosto dela.

— Evisceraste-o.

— Pareceu-me apropriado. Só uma pessoa vazia faria o que ele fez a uma jovem rapariga indefesa. Encontrei o segundo homem através de alguns dados que comprei ao Shawn. Quando o apanhei, abri-o, uma veia de cada vez, e deixei-o sangrar até à morte.

Ela sentou-se, pressionando os olhos com os dedos.

— Quem mais te ajudou?

— É difícil dizer. Falei com dúzias de pessoas, reuni dados e boatos e continuei. Havia o Robbie Browning, mas já fui ver como ele estava. Ainda está na Irlanda como hóspede do Estado durante mais três a cinco anos. A Jennie O'Leary está em Wexford a gerir uma pensão, incrivelmente. Contactei-a ontem para avisá-la que se mantivesse alerta. O Jack...

— Raios partam. — Eve bateu com ambos os punhos na mesa. — Devias ter-me dado uma lista no momento em que te contei do Brennen. Devias ter confiado em mim.

— Não foi uma questão de confiança.

— Não foi?

— Não. — Roarke agarrou na mão dela antes que ela pudesse afastá-la. — Não, não foi. Foi uma questão de querer estar errado. Uma questão de tentar não te colocar na exata posição em que acabei de te colocar.

— Pensaste que podias lidar com o assunto sem mim.

— Esperava consegui-lo. Mas como o Summerset está a ser acusado, já não é uma opção. Precisamos da tua ajuda.

— Precisam da minha ajuda. — Disse-o lentamente, enquanto libertava a mão. — Precisam da minha ajuda. Ótimo, fantástico. — Levantou-se. — Achas que aquilo que me disseste o vai safar? Se utilizar essa informação, vão os dois parar à cadeia. Homicídio, primeiro grau, acusações múltiplas.

— O Summerset não assassinou ninguém — disse Roarke, com a sua fleuma. — Fui eu que assassinei.

— Esse facto pouco ajuda a diminuir a pressão.

— Então, acreditas nele?

*Ele é o que me resta.* Deixou que as palavras de Summerset, a paixão que revelavam, voltassem a soar na sua cabeça.

— Acredito nele. Nunca te iria envolver. Ele adora-te.

Roarke ia começar a falar, mas fechou a boca e fitou pensativamente as próprias mãos. Aquela simples declaração, a simples verdade que expressava, abalou-o.

— Não sei o que fazer — disse Eve, mais para si, apenas para ouvir as palavras. — Tenho de seguir as provas e tenho de fazê-lo cuidadosamente, dentro da lei. Oficialmente. Se para isso tiver que o acusar — dirigiu um olhar a Summerset —, é o que vou fazer. A única forma de se ajudar é se me disser tudo. Se se retrair, está a enterrar-se. Vou entrar neste caso com as mãos atadas atrás das costas. Vou precisar das tuas — disse ela a Roarke.

— São tuas. Sempre.

— São? — Sorriu sem vontade. — As provas apontam em contrário. E sou danada para as provas, Roarke. — Aproximou-se da porta, mas sem destrancar as fechaduras. — Vou safar-te o coiro escanzelado, Summerset. Porque é esse o meu trabalho. Porque nem todos os polícias viram as costas. E porque esta polícia mantém os olhos abertos e os ouvidos alerta. — Lançou um último olhar fulminante a Roarke. — Sempre.

Abriu a fechadura e saiu de rompante.